



THAÍS DA COSTA PEREIRA

A RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E TERRORISMO

Brasília
2006

THAÍS DA COSTA PEREIRA

A RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E TERRORISMO

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de bacharelado
em Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília.

Orientadora: Raquel Boing Marinucci.

BRASÍLIA – DF

2006

A RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E TERRORISMO

Thaís da Costa Pereira

BANCA EXAMINADORA:

Professora Raquel Boing Marinucci – Orientadora

Professora Maria Heloísa C. Fernandes

Professor Marcelo Gonçalves do Valle

BRASÍLIA

2006

Agradeço a minha orientadora Raquel Boing Marinucci, por sua excelente orientação, competência e grande apoio. À minha família, que tanto acredita na minha capacidade, dando tanta força. E aos meus amigos que foram de grande ajuda e muito importantes na minha vida.

RESUMO

Este trabalho destina-se à análise do terrorismo como um fenômeno que movimenta tanto as sociedades como as relações entre os Estados de modo geral. A grande dificuldade de sua conceituação envolve uma tentativa de se saber o porquê de pessoas ou grupos se utilizarem dessa ferramenta como meio de ação. A relação do terror com a mídia e como esta apresenta ao mundo os acontecimentos. O estudo apresenta alguns grupos terroristas, com um pouco de destaque ao grupo espanhol ETA, apresentando suas causas e objetivos, como também sua influência dentro do território basco. É mostrado como a resolução do impasse é complicada de ser finalizada devido aos pedidos do grupo que requerem complexas mudanças. Além disso, há a repercussão desses fatos na opinião pública tanto local quanto internacional.

O estudo apresenta uma pesquisa acerca da dificuldade de se resolver conflitos dessa magnitude, que envolve o terrorismo, que causa morte e destruição. Os motivos podem variar de acordo com a organização terrorista, como também sua forma de ação, financiamento e maneira de conseguir novos adeptos. O conflito pode refletir na realidade interna de um Estado como também na sociedade internacional. A forma como a mídia reporta tudo isso é algo importante que merece análise. Pois reflete nas relações políticas, econômicas e culturais dos Estados, como interfere na formação da opinião pública.

Palavras chave: TERRORISMO – GRUPOS TERRORISTAS – MÍDIA

SUMÁRIO

1. O TERRORISMO E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO INTERNACIONAL.....	9
1.1 – A dificuldade de se conceituar o terrorismo	10
1.2 – A definição	12
1.3 – A origem do agente do terror	14
2. PRINCIPAIS GRUPOS TERRORISTAS NOS DIAS DE HOJE.....	20
2.1 – Os Palestinos	21
2.2 – IRA	22
2.3 – FARC	24
2.4 – A Espanha e o País Basco	27
2.4.1 – Surgimento do ETA.....	29
2.4.2 – Financiamento	30
2.4.3 – Cessar-fogo	31
2.5 – O terrorismo em números	33
3. MÍDIA E TERROR.....	36
3.1 – Terror como luta local e “global”	36
3.2 - O terrorismo como espetáculo.....	39
3.3 – Como a guerra ao terror é relatada	42
3.4 – O capital midiático.....	44
3.5 – A influência da mídia na formação da opinião pública	46
CONCLUSÃO.....	50
BIBLIOGRAFIA	52
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização que o homem busca incansavelmente por seus ideais. As guerras entre tribos, povos e nações sempre existiram e provavelmente ainda existirão por um período significativo. Os motivos são os mais diversos como, por exemplo: território, poder, dinheiro, idealismo, independência, entre outros.

A história nos mostra como o ser humano sempre esteve em guerra com seus semelhantes. As grandes invasões da Idade Antiga à Idade Média; a formação do Estado moderno, tal qual o conhecemos hoje, isto é, independente, soberano, população própria como também língua e cultura; conflitos por motivos religiosos; as duas Grandes Guerras Mundiais, como tantos outros exemplos que poderiam ser expostos. E atualmente algo que preocupa muito que é o terror.

Mas é importante destacar que vários desses conflitos estão intimamente ligados ao que hoje chamamos de terrorismo, pois foram as conquistas e as invasões de povos considerados “superiores” aos povos conquistados que enraizaram no coração destes um sentimento de vingança e libertação. É a partir daí que surgem os principais fundamentos para os atos de violência utilizados nos dias atuais.

O que agrava mais o quadro atual é a divulgação destes atos através da mídia.

Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo estudar e analisar a relação entre a mídia e o terrorismo, buscando evidenciar o modo como um se beneficia do outro. O terrorismo precisa que seus atos sejam mostrados, pois é a divulgação que leva os impactos do ato para além do território atingido. Ao mesmo tempo, a mídia usa o terrorismo como um tipo de informação que acaba sendo tratada como mercadoria. As pessoas se interessam por esse tipo de notícia, o que leva a mídia a mostrar cada vez mais e com mais detalhes.

O terror é muitas vezes mostrado de forma incompleta, aparentando que pessoas de má índole o usam sem qualquer justificativa. A partir disso, é feita uma análise de alguns grupos terroristas dos dias de hoje, como a OLP (da Palestina), IRA (da Irlanda), as FARC (da Colômbia) e o ETA (da Espanha). O destaque para o grupo espanhol se deve por este não ser tão mostrado pela mídia como outros grupos

terroristas, como, por exemplo, a Al Qaeda. A organização dos separatistas bascos configura um elemento importante na região. Trata-se de um grupo que se tornou terrorista, mas na sua formação inicial não era. Pelo contrário, foram indivíduos que lutaram bravamente na Guerra Civil Espanhola e tiveram até mesmo a admiração da população. Mas com o decorrer dos tempos isso mudou. O porquê disso e como se deu será mostrado e melhor analisado no decorrer deste trabalho.

A fundamentação do estudo é baseada em autores que trabalham esta interface da mídia com a política e que buscam entender a importância do terrorismo.

A metodologia utilizada foi a análise do terrorismo de modo geral e o conceito em si, o qual gera muita divergência. Parte-se de uma breve discussão acerca disso, quanto a sua terminologia e seu significado. Em seguida é feito um breve demonstrativo dos principais grupos terroristas de hoje, tendo logo em seguida uma sucinta apresentação histórica da Espanha e do País Basco, para que assim facilitasse a melhor compreensão de como surgiu o grupo terrorista ETA. Como base principal, foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca de como a mídia mostra o terror e seus efeitos que influenciam na formação da opinião pública.

O estudo está dividido em três capítulos, sendo mostrada, a princípio, uma discussão do surgimento do terrorismo e sua terminologia, em seguida o estudo de alguns grupos terroristas e por fim faz-se uma inter-relação entre teoria e exemplos para melhor explanação sobre a forma que os meios de comunicação tratam do assunto.

1. O TERRORISMO E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO INTERNACIONAL

Um acontecimento marcante deste início de século XXI foram os atentados em 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono nos EUA. Sem dúvida foi algo realmente inesperado e audacioso, que desafiou a maior potência do mundo, pois, mesmo tendo participado das duas grandes guerras do século XX e ter interferido em outros conflitos, até então seu território não havia sido alcançado, pelo menos, não dessa forma.

Na época da Guerra Fria, o cenário das relações internacionais era muito mais previsível, para o analista, no mundo chamado de bipolar, dividido entre EUA e URSS, era mais fácil de se prever acontecimentos e conseguir dominar certos conflitos. Diferente do que ocorre no cenário atual, que está envolto de grande incerteza. E por este motivo, questiona-se a globalização¹ (por isso há muitos movimentos anti-globalização). As relações entre os Estados mudam de acordo com alianças que vão sendo feitas e desfeitas; e também continua a grande preocupação com a segurança. E um fato que complica ainda mais é que o terrorismo nunca foi tão empregado em tal escala como é hoje, não se sabe quem são os reais inimigos, sua força, influência, poder, seus limites e até onde se pretende chegar. Estes são apenas indícios de que o terrorismo só tende a aumentar nos próximos anos.

Diante disso, neste capítulo serão apresentados algumas formas de se entender o termo “terrorismo”, a dificuldade de se chegar a uma definição concreta, como também o conceito que será adotado neste trabalho. Outro ponto que será mostrado é a prática do terror, pois é importante buscar, mesmo que minimamente, os principais motivos que levam grupos ou pessoas isoladamente a cometerem tais atos.

¹ Em um mundo globalizado, como se apresenta hoje, há uma certa ligação entre os Estados tanto do ponto de vista cultural, político e econômico, por isso as relações ficam mais estreitas, e o que ocorre em um determinado Estado pode repercutir em vários outros; as fronteiras não significam mais barreiras à condução de pessoas, mercadorias, conhecimento e até mesmo do tráfico de drogas e armas; outro fator relevante é a participação de empresas (multinacionais ou não) na esfera política, que também influencia cada vez mais nas movimentações do mercado e da sociedade, isto é, o Estado deixa de ser o controlador de tudo; e por fim, a grande revolução dos meios tecnológicos de informação e comunicação. E o que alguns grupos anti-globalização questionam são os efeitos dessa globalização, quem ganha ou perde com isso. BECK, Ulrich. *O que é Globalização. Equívocos do globalismo: respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 18.

1.1 – A dificuldade de se conceituar o terrorismo

A palavra terror vem do latim *terror*, cujo significado era “um medo ou uma ansiedade extrema correspondendo, com mais frequência, a uma ameaça vagamente percebida, pouco familiar e largamente imprevisível”². Segundo Norberto Bobbio, o terrorismo no campo internacional passa a ser uma alternativa de quem quer contestar algo, isto é, que não concorde com a atual ordem internacional, supera fins ideológicos, culturais e religiosos³.

A definição do terrorismo ainda não é um consenso, isto é, ainda não há uma exatidão do seu conceito nas Relações Internacionais. E o que dificulta ainda mais são as diferenças culturais, ideológicas, religiosas e políticas dos Estados. É complicado se chegar a um consenso, pois, por exemplo, se israelenses atacam palestinos na disputa por um território, que eles acham que deveria ser deles, são chamados de terroristas pelos palestinos, e o inverso também ocorre. A forma como os Estados vêem o conflito também vai depender de sua ideologia como os outros fatores já citados. Por exemplo, alguns Estados podem ver nesse conflito um povo no seu direito de auto-determinação, buscando um território, que por motivos religiosos, eles acham que devem ser deles; já um outro Estado pode ver que israelenses estão simplesmente invadindo território palestino. Enfim esses e outros pontos serão melhor estudados ao longo deste trabalho para melhor explanação e compreensão do fato.

Apesar da dificuldade na sua conceituação, o terrorismo é tão antigo quanto a história da humanidade. Desde a época da Grécia antiga alguns acontecimentos eram denominados de terroristas. Com isso, vale a pena lembrar, brevemente, o histórico da noção de terrorismo.

Na época da Revolução Francesa, o tribunal revolucionário usava o “terror” como seu meio de ação, levando muitas pessoas à pena de morte sem o menor direito à defesa ou tentativa de se reverter o processo. Esses atos exercidos “pela revolução” foram defendidos por Robespierre (pois assim, no novo Estado seria por ele

² GUILLAUME, G. *Terrorisme et Droit International*. R.C.A.D.I., vol. 125, 1989-III, p. 296. Apud: BRANT, Leonardo Nemer Caldeira. (org.). *Terrorismo e Direito: os impactos do terrorismo na comunidade internacional e no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense, 2003, p.10.

³ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. v. 2. p. 1242.

administrado) como forma de “desenvolver o sentimento de solidariedade nacional”⁴. Mas isso não durou muito tempo, assim como também logo houve a queda de Robespierre. Pouco tempo depois ele é condenado por “terrorismo” e morto na guilhotina.

Assim, o “terror” como um meio coercitivo da ordem social usado pela Revolução, foi substituído pelo “terrorismo”, tendo em vista a pressão e opressão abusiva que pode ser usado pelo Estado.⁵

O termo “terrorismo” reaparece no século XIX, agora se referindo aos anarquistas e revolucionários dentro de um Estado, que queriam chamar a atenção da sociedade criticando ou combatendo ações do governo e ao mesmo tempo atemorizar os próprios governantes do Estado, como aconteceu, por exemplo, na Rússia em 1881, que chegaram a matar o Czar Alexandre II. Naquela época, terroristas tinham como seus alvos principais matar líderes políticos, imperadores, reis, ou outras pessoas muito influentes ligadas ao governo, e às vezes, até mesmo cancelavam algum atentado por temer estar envolvendo um grande número de vítimas civis.

Somente no século XX, com a morte do Rei da Iugoslávia e do Ministro Francês de Assuntos Estrangeiros, Louis Barthou, por um terrorista croata em outubro de 1934, a comunidade internacional tomou conhecimento de um fato que estava nascendo, que mais tarde seria chamado de “terrorismo internacional”⁶. A partir da década de 60, volta-se mais a preocupação para o fato, devido ao grande crescimento de seqüestros de aviões; nisso percebe-se que o terrorismo vai assumindo o “formato” atual.

Um grande marco foram os atentados nas Olimpíadas de Munique, na Alemanha, em 1972, que ficou conhecido como Setembro Negro. Mas isso ocorreu, primeiramente, como resposta ao que aconteceu em 1967, onde o Exército de Israel ocupou a faixa de Gaza, uma parte da Síria e do Egito, onde viviam milhares de pessoas, aumentando o número de deslocados desde a criação do Estado de Israel em

⁴ PELLET, Sarah. *A ambigüidade da Noção de Terrorismo*. In: BRANT, Leonardo Nemer Caldeira (coordenador). *Terrorismo e Direito Internacional – Os Impactos do Terrorismo na Comunidade Internacional e no Brasil: Perspectivas Político-Jurídicas*. Rio de Janeiro: Forense, 2003. p.10.

⁵ Idem p.11.

⁶ Ibidem p.11.

1948⁷. A partir disso, os palestinos resolveram, de certa forma, “se vingarem” dos israelenses e poderem mostrar ao mundo a causa deles. As Olimpíadas eram uma grande oportunidade, pois ali estavam presentes as mais importantes redes de comunicação do mundo, dando toda cobertura do evento. E foi o que aconteceu. Os atentados em Munique foram bem planejados, sua ação foi de forma inesperada e brutal, onde participaram oito terroristas, dos quais morreram cinco e mais onze atletas israelenses⁸.

Foi em Munique que se iniciaram ações que se tornariam cada vez mais “espetaculares” e também cada vez mais usadas, na tentativa de atrair sempre a atenção da mídia⁹. Com esses atentados, em 1972, a Assembléia Geral das Nações Unidas acabou criando um comitê para estudar o terrorismo internacional, todavia, sem chegar a muitos resultados. Algo importante a ser observado é que, a partir disso, o terrorismo ganha maior destaque nas discussões das Nações Unidas, como também aumenta a preocupação dos Estados perante isso.

1.2 – A definição

Em nenhuma convenção internacional definiu-se o termo “terrorismo”. Houve uma certa tentativa na primeira Convenção de Genebra de 1937, em seu primeiro artigo, que diz: “Na presente Convenção, a expressão ‘atos terroristas’ quer dizer fatos criminosos dirigidos contra um Estado, e cujo objetivo ou natureza é de provocar o terror em pessoas determinadas, em grupos de pessoas ou no público”¹⁰. Apesar disso, apresentar um conceito dessa palavra no cenário internacional é bastante complicado, até porque dificilmente seria aceito por unanimidade por todos os membros, isso reflete

⁷ Disponível em: <http://historia.abril.com.br/edicoes/30/capa/conteudo_115607.shtml> . Acesso em: 14/02/2006.

⁸ Além de tudo isso, os palestinos também queriam a libertação de 234 palestinos detidos em prisões de Israel e mais dois presos na Alemanha. Tentaram negociação, mas como ocorre até hoje de não se negociar com terroristas, a polícia alemã formulou um plano para fazer uma emboscada, forjando uma negociação, mas isso acabou não dando certo e o que levou à várias mortes. Disponível em: <http://super.abril.com.br/super/edicoes/222/conteudo_112944.shtml> Acesso em 14/02/2006.

⁹ Disponível em: idem.

¹⁰ PELLET. Op. cit, p. 14.

porque certos atores internacionais, como a Organização das Nações Unidas, por exemplo, prefere abster-se de uma definição.

Nas legislações internas dos Estados, segundo Sarah Pellet, em sua maioria declara que os chamados atos terroristas “são infrações de direito comum que ganham uma característica terrorista em razão das motivações de seus autores”¹¹. Isso quer dizer que, se a intenção de um grupo ou alguém isoladamente seja ferir as bases, a legislação interna, causar destruição e atemorizar a população, é considerado um ato terrorista.

Para melhor explanação disso, ainda segundo Sarah Pellet, é oportuno observar alguns exemplos. A lei britânica, o *Terrorism Act 2000*, diz que é considerado terrorismo quando “o uso ou ameaça é feito com propósitos políticos, religiosos ou ideológicos” e que seus efeitos causa “séria violência contra uma pessoa, sérios danos à uma propriedade”.¹²

Já a lei americana, determina os atos terroristas como: “a organização, o apoio ou participação em um ostentoso ou indiscriminado ato de violência com extrema indiferença ao risco de causar morte ou sérios danos corporais a um indivíduo que não esteja envolvido nas hostilidades armadas”.¹³

Como pôde ser percebido, o conceito é bastante amplo, e se modifica, em certos aspectos, de Estado para Estado, de acordo com sua ideologia, cultura e política a ser adotada para tais fenômenos. Por tudo isso, não há uma definição geral e satisfatória a todos no campo do direito internacional e das relações internacionais como um todo.

Isto posto, o conceito de terrorismo que será considerado mais pertinente neste trabalho seria: um ato provocado por um grupo ou pessoa isolada (possuindo ou não ligação direta ou indireta com algum Estado), tendo em vista a tentativa de se contestar algo, derrubar um sistema político vigente, luta por um território, e até mesmo motivos religiosos, e que para isso ser alcançado, se utilize a força, tanto física quanto psicológica (que ocorre em casos de seqüestros), bombas, armas, seqüestros de aviões, entre outros meios, com o intuito de matar civis ou causar destruição. E torna-se

¹¹ PELLET, op. cit, p. 16.

¹² Idem, p. 16.

¹³ Seção 901 da Public Law 100-204, de 22 de dezembro de 1987. Ibidem, p. 16.

internacional a partir do momento que há uma pessoa ou territórios de Estados distinto envolvido.

1.3 – A origem do agente do terror

A História nos mostra que humanidade faz valer-se da violência, no esforço de usá-la para fazer pressão e ocorrer mudanças, ou até mesmo tirar vidas sem o menor ressentimento. O ser humano enquanto animal “é relativamente combativo; em outras palavras, basta um estímulo pouco intenso para levá-lo a desencadear a agressão,”¹⁴ isto é, certos indivíduos podem ter certa tendência à violência.

Em diversas espécies, os animais lutam entre os da mesma espécie ou de espécies distintas. Alguns atacam para sobreviver e outros simplesmente para se defenderem. Esse tipo de agressão é normal, salvo poucas exceções que poderiam ser consideradas nocivas e destrutivas. Na espécie humana é um pouco diferente, “a conduta agressiva é modificada pela experiência do indivíduo: pode ser aprendida ou esquecida”¹⁵; como também pode ser influenciada pelo meio, onde, dependendo da sociedade em que se vive, a violência pode ser socialmente construída, como se fosse um dos poucos recursos para resolver seus problemas, por mais simples que eles sejam.

Certos acontecimentos acabam influenciando e gerando conflitos e têm o poder de transformar irmãos em inimigos. Tudo que não há como ser compartilhado pode vir a transformar-se em objeto de disputa. Segundo Raymond Aron¹⁶, mesmo quando se pode partilhar, pode-se haver a tentação de se utilizar a violência. Nas sociedades de hoje, os conflitos são os mais diversos,

“O conflito que suscita a violência é interindividual embora surja dentro de uma coletividade. A violência do distúrbio, que às vezes é espontânea, transforma-se em insurreição ou guerra civil, quando tem uma causa política, ou visa um objetivo político”¹⁷,

¹⁴ ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p. 437.

¹⁵ Idem, p. 439.

¹⁶ Raymond Aron é um grande pensador contemporâneo e fez importantes análises sobre o fim da guerra fria e questionou os sistemas políticos vigentes da época. Sua obra mais importante, principalmente para o estudo das Relações Internacionais, é *Paz e Guerra entre as Nações*.

¹⁷ ARON, op.cit., p. 442.

com isso percebe-se que, às vezes, certos conflitos começam de forma tão simples e chegam a certas circunstâncias que antes eram inimagináveis, podendo ou não tornar-se internacional (caso ultrapasse as fronteiras ou esteja envolvido indivíduos de nacionalidades distintas).

Mas o que leva o indivíduo a fazer isso é que fará a diferença, pois podem ser diversos fatores, tanto religiosos (indivíduos que cometem certos atos em nome de Deus ou uma religião), quanto culturais ou outros motivos diversos. Compreender com exatidão é extremamente complicado, porque “o homem é o fato mais complexo e incrível de toda a natureza, um de seus maiores problemas vem sendo o de compreender-se”¹⁸, mas é possível se ter uma idéia o que justificaria certas atitudes.

Desta forma, para entender como nasce o agente do terror é importante compreender o indivíduo como principal elemento, em suas dimensões psicosociais e políticas. A sociedade e o indivíduo interagem, sendo assim o que esta sociedade produz causa ações e reações que variam de forma positiva ou negativa. Certas reações podem ter como resposta atitudes violentas mesmo que seu resultado seja de forma abrupta ou lenta. “O meio ambiente, ao lado do repúdio da exclusão social, norteia a opção pela violência e práticas terroristas aos que não vêem outra via, para romper os liames que lhes cerceiam a plena participação social”¹⁹, o indivíduo se vê na impossibilidade de adequar-se ao ambiente que se encontra, vinculado por uma série de circunstâncias (política, social, religiosa, cultural, emocional), passa a prever melhoras ou algum bem que lhe foi negado, ocorrendo dessa forma uma vontade (ou um dos poucos meios que dispõe) de agir violentamente e mostrar a sociedade sua existência²⁰.

Uma questão que é importante ser levantada é o fato que não basta somente entender o porquê de certos indivíduos cometerem os chamados atos de terror. Os

¹⁸ BAKER, Elsworth F. São Paulo: Summus Editorial, 1980, p.31. Apud: ARAÚJO, Evilásio J. *Terrorismo Internacional: fundamentalismo religioso e globalização*. Brasília: Livraria Herança Judaica Editora Ltda, 2004. p.45.

¹⁹ DOSTOIEVSKI. *Crime e Castigo*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980. p.315. Apud: Idem, p. 46. Na obra de Dostoiévski, o personagem principal é um jovem estudante, muito pobre, que se vê angustiado na tentativa de se tornar alguém melhor ou fazer algo importante, nisso ele planeja a morte de uma senhora (que emprestava dinheiro a juros) e assim o faz, mas ele não consegue continuar vivendo normalmente e acaba se entregando à polícia. Disponível em:

<<http://www.cafedostoiievski.pop.com.br/dostoiievski/crimecastigo.html>>. Acesso em: 16/05/2006.

²⁰ ARAÚJO, op.cit., p. 46.

motivos são bastante distintos, como já foi dito anteriormente, mas a forma como cada pessoa ou sociedade vê isso também muda bastante. Um fator que faz muita diferença é a mídia: como esta mostra o “agente do terror” é que traz certo impacto nas sociedades de modo geral (principalmente as ocidentais). Em muitos casos é mostrado o fato puro e cru, não se busca ao menos refletir ou entender historicamente o que levou a ocorrência de tais eventos; não basta só apontar o que é um ato de terror, mas ver também o que está por “traz de tudo”. Não que essas atitudes tenham justificativa para alguma causa, mas somente expor de forma sensacionalista não irá alterar em nada, até mesmo para que se busque uma mudança na tentativa de prevenir esses atos de terror, pois certos grupos têm uma causa à qual reivindicam e essa foi a melhor forma (e mais barata, mesmo que não surja algum efeito a curto prazo, consegue-se pelo menos chamar a atenção da mídia, e assim da sociedade como um todo e, principalmente, de seus governantes) por eles encontrada para contestarem algo e que o mundo saiba de sua causa.²¹

No fundamentalismo²² religioso, para muitos grupos de jovens de países do Oriente Médio, sua exclusão é apontada como consequência das políticas de países infiéis ricos. Desta forma, o sistema despótico alimenta a raiva desses jovens contra os chamados infiéis, retirando assim que o foco de que sua pobreza ou exclusão seja por causas internas, e com isso não se percebe a manipulação a qual foi submetida, e acaba agindo como é esperado pelos líderes religiosos (ainda com um certo sentimento de orgulho)²³. A falta de participação do indivíduo dentro do Estado é um grande fator

²¹ Nos dias de hoje, por haver tantos avanços nas telecomunicações, muitos atos são cometidos em determinado lugar e repercute no mundo inteiro; e a forma que isso é mostrado muda sua forma de acordo com a mídia, que pode ser mais tendenciosa para determinado lado, dependendo de uma certa política de interesses de quem está divulgando o fato.

²² Por ser uma palavra tão utilizada e generalizada, convém apontar algumas observações: primeiramente, no fundamentalismo, há uma oposição e reação contra transformações na religião devido à modernidade. O fundamentalista quer preservar a religião tal qual ela é, pois se vê ameaçada pelos avanços da modernidade. O que o fundamentalista quer não é mudar a religião, e sim a fundamentação da religião. Segundo Martin Norberto Dreher “não se busca a modernização do Islã, mas a reislamização no mundo islâmico”, isto é, devido às fortes influências do mundo ocidental, alguns islâmicos querem voltar a antiga tradição islâmica, retirar costumes ocidentais que foram infiltrados na sua cultura. Outro ponto é a relação entre religião e política, pois “para o fundamentalista a verdade religiosa é pressuposto para a ação política”, segundo Dreher. Enfim, esses movimentos religiosos têm grande influência nas relações entre os Estados, pois a religião também é um fator do processo histórico. DREHER, Martin Norberto. *Para Entender o Fundamentalismo*. Coleção Aldus 1. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 13.

²³ ARAÚJO, op. cit., p. 48.

que não o deixa perceber tal manipulação. “As revoluções são improváveis nos sistemas políticos que têm a capacidade de expandir o seu poder e de ampliar a participação dentro do sistema”²⁴.

No caso do fundamentalismo religioso, o que surpreende, é o fato de seus autores terem uma grande devoção religiosa, ou seja, o terrorista não acredita apenas que esteja fazendo justiça e que sairá vitorioso de sua causa, “mas confia, acima de tudo, estar realizando a vontade Divina, revelada ou interpretada pelo seu líder, conjuga uma força mais perigosa que a simples luta por um pedaço de terra ou fragmento de soberania”²⁵. Os governantes de alguns países, alimentam essa mentalidade nos cidadãos dos quais fazem parte do seu território, iniciando mesmo na infância.

Por ser tão peculiar, torna-se mais difícil analisar a personalidade do terrorista ligado ao elemento religioso. Às vezes os terroristas querem ir além do que era a intenção no início, como por exemplo, o caso dos palestinos, que não querem mais somente o território que lhes foi tomado, mas também a destruição de Israel. “O território da Palestina é o retrato, tanto de um Estado revolucionário, quanto de uma forma de luta internacional, que foge aos esquemas clássicos de guerra entre Estados”. Às vezes o terrorismo sai de suas fronteiras, sendo chamado de terrorismo internacional, e em muitos casos isso ocorre para ganhar mais repercussão, chamar mais atenção. Passa a ser relevante também fora do próprio Estado. Para alguns grupos terroristas é a forma encontrada para dizer ao mundo que não se identificam com a estrutura vigente²⁶. Como também há grupos que, se conseguissem o que tanto almejam, os atos de violência e terror teriam um fim, como por exemplo, do grupo basco ETA, onde suas ações são voltadas para objetivos específicos, que já duram mais de 30 anos, mas se fossem alcançados, esses eventos terminariam.

Ainda há o caso de indivíduos que acabam fanatizando sua opção, por pensar, em certo ponto, ter inimigos por todos os lados, que estes pretendem invadir e acabar impondo novas regras ou que o sistema nacional saia do controle, pois certos líderes acham que em determinados momentos, a melhor defesa é o ataque. Foi o que ocorreu

²⁴ HUNTINGTON, Samuel P. *A Ordem Política nas Sociedades em Mudanças*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p. 75

²⁵ ARAÚJO, op. cit., p. 48.

²⁶ BOBBIO, op. cit., p. 1244.

com os EUA na Guerra Fria, que por receio do poderio da URSS acabaram fazendo parcerias com ditaduras. Resultando com isso sérias violações aos direitos humanos²⁷. Em determinados governos, essa grande preocupação com a segurança pode ser tamanha que acabe gerando um certo clima de pânico na população (algo que certos terroristas também buscam, o terror psicológico), pois as tensões promovem a insegurança coletiva ao corroer a confiança.

A grande questão é saber o que se passa na cabeça do terrorista suicida (normalmente chamado de “homem bomba”). Como alguém é capaz de matar tantos inocentes e ao mesmo tempo acabar com a própria vida. Che Guevara, antes de morrer, escreveu o que é necessário para uma geração em revolta:

“Precisamos acima de tudo, manter vivo o nosso ódio e alimentá-lo até o paroxismo; ódio como fator de luta, ódio intransigente ao inimigo, ódio capaz de impulsionar um ser humano para além de seus limites naturais e transformá-lo numa fria, violenta, seletiva e eficaz máquina de matar”²⁸.

Muitos terroristas, que cometem diversas atrocidades, são aparentemente pessoas comuns, idealistas, preocupadas com a moral e o bem-estar próprio e de seus familiares, mas que no âmago de suas personalidades há uma fé, um pensamento, uma certa raiva à qual foi condicionado, que o leva a cometer atos, acreditando estar cumprindo uma vontade Divina²⁹.

Em relação aos líderes terroristas, alguns líderes religiosos acabam ultrapassando a fronteira da normalidade e acabam tornando-se místicos demais, sofrem de problemas psíquicos, como diz Karen Armstrong sobre o Ayotollah Khomeini: “sofria das fantasias paranóicas que afligem tantos fundamentalistas”³⁰. Isso serve de exemplo e estímulo a seus seguidores. Para alguns fanáticos, a vida de sacrifício também faz parte da auréola religiosa.

Hoje em dia, infelizmente, a violência tem se tornado cada vez mais comum e corriqueira nas sociedades de modo geral. Chegou-se a ponto em que os indivíduos tornaram o mal como algo trivial, isto é, está presente no dia-a-dia. A morte passa a não

²⁷ ARAÚJO, op. cit., p. 49.

²⁸ Escrito por Che Guevara numa mensagem à Conferência TriContinental de Havana em 1966. Foi citado no órgão das Brigadas Vermelhas, *ControlInformazione*, em julho de 1968. In: STERLIN, Claire. *A Rede do Terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. São Paulo: Editora Nórdica, 1981. p. 18.

²⁹ ARAÚJO, op. cit., p. 52.

³⁰ ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus. O Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Judaísmo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 358. Apud: Idem, p. 52.

ser algo só natural como também muito simples, pois com o avanço de tanta tecnologia bélica e armamentos, em certas ocasiões é mais fácil “apertar um simples botão” e pronto, que se inicia um conflito, sendo deixado de lado a tentativa de se resolver atritos por meio do diálogo, já se parte para a agressão, mesmo que isso resulte na morte de inocentes que estariam no lugar errado na hora errada.³¹

Para concluir, percebe-se que essas ações não têm explicações exatas, nem ética moral ou religiosa, podendo variar de pessoa para pessoa. Foram expostos alguns fatos ou situações que poderiam levar a tais atitudes, ficando claro como não há um estilo pré-definido. Mas o que se deve analisar e refletir é que o pânico e terror causado pelos terroristas são bastante enfocados pela mídia, como cruéis e desumanos, mostrando quantas pessoas foram feridas e mortas, e na incerteza se ocorrerá outros ou não.

“Essas afirmações contribuem para a criação de um ambiente em que em que os terroristas são considerados criminosos a serem perseguidos e eliminados, enquanto os governantes aparecem como responsáveis pela garantia da paz. Não raro, a exploração política dos atentados terroristas serve principalmente para esconder ou mascarar a realidade sócio-econômica do país”³².

Qualquer ato de violência física é considerado cruel, independente de quem o pratique, mas a forma como é mostrado pela mídia internacional ao mundo é que faz diferença. Foca-se tanto nesse acontecimento em si, que sem esquecem de mostrar outros fatores importantes do contexto do local, às vezes sendo possível descobrir o porquê, e tentar com que não ocorra mais.

Enfim, neste primeiro capítulo foram apresentados fatos muito importantes e pertinentes acerca do assunto, para melhor compreensão e reflexão. No segundo capítulo serão mostrados alguns exemplos de grupos terroristas. Serão descritos brevemente sua formação, atuação e objetivos. Pois a partir dos casos exemplificados, percebe-se melhor o terrorismo em si e todas as dificuldades acerca de sua terminologia e combate que foram descritos neste capítulo. Buscar o entendimento e melhor compreensão de certas organizações terroristas é uma boa alternativa para, quando for o caso, almejar que se encerre o conflito e se tentar o diálogo.

³¹ ARBEX JR, José. *Guerra Fria: terror de Estado, política e cultura*. São Paulo: Moderna, 1997. p. 83.

³² LEITE FILHO, Jaime de Carvalho. Disponível em:

<<http://www.contabiliza.com.br/monografiajaimefilho.htm>> Acesso em: 10/02/2006.

2. PRINCIPAIS GRUPOS TERRORISTAS NOS DIAS DE HOJE

Neste segundo capítulo, serão mostrados e melhor analisados alguns grupos terroristas, como também estatísticas a esse respeito.

Entre os grupos apresentados há um destaque para o grupo espanhol ETA, de separatistas bascos que lutam por uma parte do território na Espanha e usa o terrorismo como ferramenta. Mas primeiramente é pertinente que se faça uma análise do contexto histórico e da realidade da Espanha, para melhor compreender o porquê das ações desses terroristas, o que eles buscam e porque se utilizam do terror. Também entender o contexto da realidade (e história) daquelas pessoas, que acabou levando à criação do grupo e um conflito que já dura há anos. Merece destaque também o plano de cessar-fogo proposto pelo grupo ETA em 2006, isto é, como foi e como está sendo visto pelo governo espanhol.

Na atualidade, os meios de comunicação, identificam, aproximadamente, 30 grupos espalhados pelo mundo sendo considerado grupos terroristas. Muitos deles existem há muitos anos. Na Europa pode-se citar o IRA (Exército Republicano Irlandês) da Irlanda, as Brigadas Vermelhas (que pregavam uma revolução marxista; causaram a morte de centenas de pessoas; perderam força após o fim da Guerra Fria) na Itália, A Frente Nacional para a Libertação da Córsega (muito atuante na década de 70, anunciou uma trégua em 1999, mas ainda é responsável por pequenos ataques) na França e o ETA (Pátria Basca e Liberdade), na Espanha. Na África se destaca o GIA (Grupo Islâmico Armado, contestavam o apoio do governo francês ao regime argelino) na Argélia. Na América Latina, destaca-se: na Colômbia as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e o ELN (Exército de Libertação Nacional); no Peru, o grupo Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru. No Oriente Médio destaca-se: Abu Nidal, Hizbollah (Partido de Deus), Jihad Islâmica da Palestina, Hamas (Movimento de Resistência Islâmica), Frente de Libertação da Palestina e Al-Fath.³³

³³ LEITE FILHO, op. cit.

2.1 – Os Palestinos

Os palestinos que usam o terror como meio de contestação e luta têm em sua motivação um sentimento nacionalista, suas queixas remontam à época que foram invadidos por colonizadores estrangeiros. Desde os anos 700 d.C. que os árabes têm vivido naquela região, mesmo sob domínio dos turcos que durou aproximadamente 500 anos, e foi até 1918. Nos anos seguintes, a Inglaterra recebeu um mandato da Liga das Nações para administrar a área, nisso incluía-se o compromisso de estabelecer um 'lar judeu' na Palestina.

Nos dezoito anos seguintes, os britânicos tentaram conter o fluxo de imigrantes judeus para a região. Mas com a perseguição nazista aos judeus, por volta de 1938, a proporção de judeus na Palestina aumentou em torno de 29%, assim houve uma resistência árabe que gerou uma revolta de 1936 a 1938. Depois disso houveram mais conflitos, e a situação piorou um pouco após a criação do Estado de Israel. A região da Palestina, cada vez mais, se tornava zona de conflito e luta pela posse da região. Os israelenses foram avançando continuamente, e árabes perdendo seu espaço, "os árabes tinham, então, perdido cada metro quadrado da Palestina e muito mais. Os territórios ocupados representavam um escudo contra cada base guerrilheira palestina, exceto no Líbano"³⁴. Foi assim que os guerrilheiros palestinos acabaram desviando suas atividades de Israel para o resto do mundo.

Nos anos seguintes algumas facções acabaram se afastando umas das outras, embora ainda aceitassem um pouco a autoridade da Organização para Libertação da Palestina (OLP). Os grupos guerrilheiros mais importantes foram:

- Al Fatah – inicialmente formada pela fraternidade muçulmana em 1956, mas só se tornou atuante em 1968; foi o maior e mais moderado dos movimentos. Tinha como líder Iasser Arafat, que também foi presidente da OLP.
- Organização Setembro Negro – era uma 'ramificação' da Al Fatah mais violento, que se formou depois da dizimação dos guerrilheiros árabes no Jordão, em setembro de 1970.

³⁴ CLUTTERBUCK, Richard. *Guerrilheiros e Terroristas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. p.85.

- Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) – é um grupo marxista, que se formou em 1968, era mantida pelo Iraque e outros Estados árabes radicais e foram responsáveis por alguns seqüestros durante os anos 1968 a 1972.

- Saiqa – é um grupo controlado diretamente pelo governo da Síria, onde está baseado. De vez em quando, participam no conflito do Líbano.

O líder do grupo Al Fatah, Iasser Arafat, acabou assumindo o poder, sendo assim, o que eventualmente ocorria era o chamado terrorismo de Estado, que é uma forma de ação, (que faz valer-se da força, do terror e da tortura) que o governo utiliza para reprimir e repreender forças de oposição ao seu governo.

A OLP (Organização para Libertação da Palestina), de maior destaque com relação às citadas anteriormente, foi criada em 1964. No seu início, ao contrário de hoje, era mais moderada e controlada pelos governos árabes. Acabou sendo influenciada por uma parcela mais radical do grupo guerrilheiro Al Fatah, que tinha como líder Iasser Arafat, que a partir de então a OLP passou a ter atitudes mais violentas contra Israel, e mais ainda após 1969, quando Arafat assumiu o poder da organização.³⁵

Com a criação do Estado de Israel, em 1948, aprovada pela ONU, milhares de palestinos foram expulsos de suas casas e terras, alguns foram “jogados” a miseráveis campos de refugiados no Oriente Médio, e alguns ficaram em territórios da Cisjordânia e Gaza. Nessa época o povo palestino era muito deixado de lado pelo ocidente; e no oriente a situação também não era boa, devido às ditaduras militares ou monarquias feudais que imperavam como forma de governo e que os viam como fonte de problema e agitação política.

2.2 – IRA

O conflito na Irlanda teve sua origem no século XII, que foi invadida pelos normandos e após alguns anos passou a ser de domínio do rei Henrique II, da Inglaterra, na busca de conquistar territórios e aumentar seu poder. No século XVI, depois que se instalou o protestantismo anglicano na Inglaterra, as rebeliões católicas

³⁵ ARBEX JR, op. cit., p. 85.

da Irlanda foram derrotadas. Nos séculos seguintes houve um período de muita repressão sobre os católicos irlandeses. Na Idade Moderna as igrejas européias foram bastante utilizadas como instrumento de poder, não só na Inglaterra. A partir disso, ocorre uma certa intolerância praticada por reis e pelo clero das igrejas, assim como protestantes eram perseguidos nos países católicos os católicos eram perseguidos nos países dos protestantes.³⁶ A partir de então, nota-se que este fato se estenderia ao longo dos anos.

O IRA (Irish Republican Army – Exército Republicano Irlandês) foi fundado em 1919, passou a utilizar-se da violência como forma de combater e tentar eliminar o domínio inglês, e obter a independência da Irlanda, e futuramente pretendendo a união da Irlanda do Norte (Ulster) ao resto do país. É uma organização que acabou se ‘especializando’ em ataques terroristas, mas que seu surgimento foi de um protesto de luta nacional. O objetivo era transformar a Irlanda do Norte (em sua maioria protestante) e a República da Irlanda (maioria católica) em uma única Irlanda, independente e soberana.³⁷

Suas atividades eram mais pacíficas até o final da década de 60, onde a minoria católica da Irlanda do Norte protestava pelos direitos civis, contra leis discriminatórias impostas pela maioria protestante. Nas últimas três décadas as ações do IRA foram mais intensas causando a morte de diversas pessoas na Irlanda. Na década de 70 eclodiu um movimento de protesto, que foi reprimido violentamente pelas tropas britânicas, foi chamado de Domingo Sangrento (*Bloody Sunday*), que resultou em 13 mortes e vários feridos.³⁸

No dia 28 de julho de 2005 o IRA anunciou fim da luta armada contra o domínio britânico na Irlanda do Norte (Ulster). É uma decisão muito importante depois de tanto tempo de intenso conflito (que já causou a morte de 1,8 mil pessoas). A ‘entrega das armas’ não significa que o IRA tenha desistido de seus propósitos, pelo contrário, afirmam que continuarão com a luta em prol da reunificação da Irlanda, mas de forma diferente, agora se pretende fazer uso apenas de vias políticas e democráticas para

³⁶ MAGNOLI, Demétrio. *O Mundo Contemporâneo: relações internacionais, 1945-2000*. São Paulo: Moderna, 1996. p.431.

³⁷ ARBEX JR, op. cit., p. 88.

³⁸ Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/vizentini/artigos/artigo_38.htm> Acesso em: 04/11/2005.

atingir seu objetivo.³⁹ Os governantes estão com esperança neste caso, pois o IRA utilizou-se do termo cessar-fogo, com intenção de um fim definitivo da luta armada, não somente uma trégua. Será utilizado o diálogo como ferramenta para as negociações dos objetivos do grupo e de diversos irlandeses.

2.3 – FARC

O problema de guerrilha na Colômbia teve seu início na década de 60 sob grande influência da Revolução Cubana de 1959. Mas anteriormente a isso, no final da década de 30 até a década de 50, vários camponeses comunistas se organizaram para contestar a expansão dos interesses capitalistas que estavam infiltrando no interior do país. Esses camponeses foram duramente repreendidos pelas forças armadas do governo colombiano, mas não foi resolvida a questão. Os camponeses iam se unindo e se fortalecendo cada vez mais, buscando uma sociedade estável, com controle local, sem corrupção e desigualdades⁴⁰.

Em Maio de 1964, o governo colombiano fez um acordo com os Estados Unidos, objetivando apoio econômico e militar para atacarem as coletividades rurais na região de Marquetalia, no distrito de Tolima, no sudeste da Colômbia, onde as manifestações dos camponeses estavam em maior expansão. No meio desses camponeses estava Manuel Marulanda Vélez, o “Tirofijo” (que nos dias de hoje é um dos principais dirigentes das FARC). O que ocorreu foi uma tentativa de repressão que foi chamada de Operação de Segurança Latino-Americana. Com essa tentativa de acabar com a organização, os camponeses consideram que em 27 de Maio de 1964, foi a data oficial que originou as FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Em 1967 surgem outros grupos que iam contra o governo, o Exército de Libertação Nacional (ELN) com inspiração em Ernesto Che Guevara, e o Partido Comunista Colombiano – Marxista-Leninista (PCC-ML) que formou o Exército Popular de Libertação. Logo em seguida após a sua fundação, esses grupos vão crescendo um pouco mais, com

³⁹ Disponível em: <http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/atual_geop.aspx> Acesso em: 11/11/2005.

⁴⁰ BRITAIN, James J. (Professor de Sociologia na Universidade de New Brunswik, no Canadá). *As FARC-EP: Uma exceção revolucionária numa era de expansão imperialista*. Disponível em: <<http://www.liberdadeoliverio.com.br/canada.htm>> Acesso em: 06/06/2006.

destaque para as FARC. A insurreição esteve ativa, inicialmente, em quatro municípios, mais foi-se aumentando sua influência no país nas décadas de 70 e 80 (vide Tabela 1 no anexo) ⁴¹.

Em Maio de 1982, as FARC acrescentaram oficialmente ao seu nome “Exército do Povo”, sendo chamado de FARC-EP. Com isso, a organização percebeu que somente com o apoio da população seria possível uma sociedade colombiana mais igualitária, isto é, socialista. E também foi no mesmo ano que começou a se expandir mais, e assumindo realmente como um autêntico movimento de guerrilha, que buscava mudanças abruptas no país.

Um estudo publicado em 1997 mostra que, as FARC-EP tinham forte influência em 622 cidades colombianas (de um total de 1.050). Em 1999, a organização tinha aumentando sua influência em mais de 60% do país e, segundo o estudo, estimava-se que em três anos, mais de 93% do país teria alguma ligação com o grupo guerrilheiro. Mas o que justifica isso é que, em algumas regiões do país, há uma forte organização das FARC, isto é, o grupo mantém ativas escolas, instalações médicas, apoio judicial básico e além de segurança para a população do local. Com isso, aos poucos a região foi conseguindo adeptos como também o poder das FARC em outros locais do país⁴².

Entre 1998 e 2002 houve uma tentativa de acordos de paz entre o governo colombiano e o grupo guerrilheiro, ocorrendo invasões das forças armadas em regiões que tinham mais influência das FARC, mas sem grandes resultados. Mas o curioso é que, nas regiões que eram praticamente dominadas pelas FARC houve uma grande migração de pessoas para o local (mais de 20 mil pessoas foram para Villa Nueva Colômbia), pois a população preferia viver no refúgio e segurança dos guerrilheiros do que criar formas alternativas de segurança. Um bom exemplo é o que ocorreu na chamada zona desmilitarizada (ZDM) que é mantida pelas FARC, que antes da invasão do governo sua população era de aproximadamente 100 mil habitantes, e ao fim da tentativa frustrada do acordo de paz, a população na região aumentou para aproximadamente 740 mil colombianos⁴³.

⁴¹ BRITTAIN, op. cit.

⁴² Idem.

⁴³ Ibidem.

Com o decorrer dos anos a organização vai ficando mais forte e estruturada. Seu programa deixou de ser somente a luta por terras rurais, mas passaram a ter grande preocupação com questões políticas, culturais, sociais, educacionais e econômicas. Transformou-se numa organização com grandes preocupações para se buscar o desenvolvimento por vias alternativas, sem o apoio do governo, buscando uma sociedade socialista. Possuem um certo apoio da população civil, inclusive de mulheres, onde mais de 45% da organização têm como membros e comandantes mulheres (vide Tabela 2 no anexo).

Em 1995, o governo colombiano fez uma parceria com os EUA (na época quem comandou era o então presidente dos EUA, Bill Clinton), onde os norte-americanos iriam introduzir tropas militares (uma parte seria do exército norte-americano e outra parte pessoas contratadas) e dinheiro na Colômbia. Ficou conhecido como Plano Colômbia, este plano teve como um dos objetivos, diminuir o envio e consumo de cocaína nos EUA (que segundo tais líderes, grande quantidade da droga viria da Colômbia), como também o plantio da coca (da qual deriva a cocaína). Mais de 80% do incentivo econômico dos EUA na Colômbia foram para a aquisição de armas, o que mostra o quando tentava-se reprimir e utilizar-se da força para combater as FARC. Apesar da intervenção dos EUA, o plano fracassou, pois não conseguiram diminuir o consumo de coca nem o plantio⁴⁴.

Com a subida de George W. Bush ao poder nos EUA, que se assumiu como a pessoa que irá “combater o terror” após os atentados de 11 de Setembro, fez-se outra tentativa de se acabar com o conflito na Colômbia, desta vez chamado de Plano Patriota, semelhante ao anterior. Seria uma ‘guerra’ contra as drogas e uma tentativa, novamente, de acabar com as FARC que foi por Bush chamados de terroristas. Apesar de Bush tentar chamar a atenção da mídia para divulgação de que o Plano Patriota estava funcionando, não foi bem assim que aconteceu. Pelo contrário, as FARC estão cada vez mais aumentando seu arsenal de armas e combatentes. Como também o cultivo da coca que permanece como tal. Ou seja, o Plano não conseguiu o que foi almejado⁴⁵.

⁴⁴ BRITTAIN, op. cit.

⁴⁵ FONTES, Yuri Martins. *FARC: 40 anos de História*. Disponível em: <<http://www.consciencia.net/2004/mes/07/farc-40anos.html>> Acesso em 06/06/2006.

Com relação ao financiamento há controvérsias. É uma incógnita que não será esclarecida neste trabalho, mas fica a reflexão. Constantemente é divulgado pela mídia que as FARC são financiadas pelo narcotráfico, que existiam fortes influências entre a organização e cartéis de drogas, como Cali e Medellín, mas com sua queda, a imprensa diz que, a organização agora se mantém através da cobrança de 'impostos' de narcotraficantes que cultivam a coca em áreas controladas pelas FARC. Que assim é que ocorria sua manutenção como um todo e aquisição de bens e armas. Segundo Raúl Reyes (Comandante do Secretariado Geral das FARC) não é dessa forma:

“as FARC são um exército do povo que se nutre da economia do país, que é o petróleo, café, esmeraldas, gado, algodão, coca e a papoula. Assim as FARC cobram um imposto àqueles capitalistas que tenham mais de um milhão de dólares, independentemente da proveniência de seus capitais. As FARC não têm cultivos, não negociam com narcóticos, não vendem favores aos narcotraficantes⁴⁶”.

Essa questão é delicada e merece atenção, mas não é o objetivo do presente estudo, que fique a análise e reflexão se essas informações são verdadeiras ou não. A intenção aqui era apresentar o grupo e a grande complexidade para a resolução do problema na Colômbia, que ainda não se sabe se é possível, mas se for, não será agora.

2.4 – A Espanha e o País Basco

O País Basco (Euskadi em vasconço) situa-se no norte da Espanha e noroeste da França. Ocupa uma área de 7.261 km² e sua capital é Vitoria. Os bascos têm mais de 5 mil anos de história. Sua origem não é conhecida, mas estima-se que o povo basco tenha chegado à Península Ibérica por volta do ano 2000 a.C.⁴⁷ e que se defenderam contra povos que tentaram invadir suas terras na Antiguidade e na Idade Média. É um povo que conserva há muitos anos suas peculiaridades étnicas, lingüísticas e culturais. Hoje existem cerca de 500 mil bascos, habitando quatro províncias espanholas: Vizcaya, Guipúscoa (zona industrial e pesqueira), Alava e

⁴⁶ FONTES, op. cit.

⁴⁷ Disponível em: <<http://revolucoesempauta.ubbihp.com.br>>. Acesso em: 16/05/2006.

Navarra e três francesas: Labourd, Baixa Navarre e Soule.⁴⁸ Apesar de ser um pouco isolado racial e culturalmente, o país basco é industrializado com minas, usinas siderúrgicas e estaleiros, possuem uma das regiões agrícolas mais desenvolvidas da Espanha.

A história dos terroristas bascos se assemelha um pouco aos irlandeses (do IRA), pois inicialmente não eram grupos que agiam como tal, e sim um grupo que tinha uma causa nacionalista que depois acabou utilizando-se do terrorismo para conseguir o que almejavam. As origens dos etarras (membros do ETA) são frutos de orgulho do Exército Lealista da Guerra Civil Espanhola de 1936, sendo considerados como heróis que resistiram bravamente.⁴⁹

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) marcou o fim da II República (1931-1936)⁵⁰, e a ascensão ao poder do general Francisco Franco, o que ocasionou uma diminuição cada vez maior das leis de autonomia da minoria nacional basca. No conflito, os bascos foram atingidos, em primeiro lugar, quando aviões a comando de Hitler devastaram uma parte da localidade basca, que eram o Conselho de Anciãos (órgão governamental supremo da comunidade basca).

Ao acabar a guerra Francisco Franco se viu chefe de um Estado que estava arruinado, com a população dizimada nos campos de batalha e nas represálias. Algumas tentativas de reforma, na época, foram anuladas, o Estado se declarou católico e instalou-se o tipo de governo totalitário, como o italiano e o alemão. Com esse regime único e central, as manifestações autônomas de comunidades regionais eram duramente reprimidas. A língua basca foi proibida, e seu ensino era considerado ato de subversão, como também as cores branca, verde e vermelho (vide foto em anexo), eram duramente proibidas.⁵¹

⁴⁸ MAGNOLI, op. cit., p. 134.

⁴⁹ SOARES, Denise de Souza. *De Marx a Deus: os tortuosos caminhos do terrorismo internacional*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003. p. 114.

⁵⁰ “Em 14 de abril de 1931 teve início a Segunda República espanhola, com um governo provisório instalado até que se elaborasse uma nova Constituição. O advogado Niceto Alcalá Zamora assumiu o poder, estabelecendo como meta a transformação da Espanha em uma república democrática e voltada para profundas transformações sociais”. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BERTOLLI FILHO, Cláudio. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1996. p. 13. Depois que guerra civil espanhola chegou ao fim, quem assumiu o poder foi Francisco Franco, em 1939, e governou o país de forma ditatorial até sua morte, em 1975.

⁵¹ MAGNOLI, op. cit., p. 135.

2.4.1 – Surgimento do ETA

O grupo separatista ETA (*Euskadi Ta Askatasuna*, que significa “Pátria Basca e Liberdade”), cuja formação ocorreu em 31 de julho de 1959, segundo Demétrio Magnoli, teve suas origens da ala jovem do tradicional e conservador (porém ilegal sob a ditadura de Franco) Partido Nacionalista Basco (PNV), tem como símbolo uma serpente enrolada em um machado (vide foto em anexo). No início suas atividades se concentravam na difusão cultural dos valores e costumes bascos, além de ampla panfletagem e distribuição de jornais clandestinos. Suas ações começaram a mudar em 1961, quando praticaram um atentado a bomba contra um trem que transportava veteranos franquistas.

Em 1970, o ETA já começa a declarar-se como movimento separatista e de oposição ao governo de Franco. A ação armada mais espetacular ocorreu em 1973, quando um comando da organização explodiu um carro que transportava o primeiro-ministro franquista, Luis Carrero Blanco, matando-o no meio da zona urbana de Madri. Carrero era um homem influente, que também tinha papel muito importante no governo de Franco, “sabemos que quando se mata o cabeça de qualquer sistema, alguém o substitui, mas os danos ficam”⁵², disse um militante posteriormente. Em 1978, o ETA anunciou formalmente “uma ofensiva permanente contra forças de ordem pública” e, a partir daí, o número de mortes só aumentou.

Com o passar do tempo, ao se afastar de sua causa inicial nacionalista, o ETA vai adquirindo um formato mais violento, nisso surge sua primeira dissidência, que foi o chamado ETA-Milis⁵³, facção de esquerda do original, que ainda era partidária da alternativa política. Neste ponto, o ETA já não era mais o único grupo terrorista dentro da Espanha, haviam outros menores sem maior importância, alguns na linha marxista-leninista, no qual se destacou o Partido Comunista Reconstituído, o GRAPO, especialista em explodir cafés em Madri, e também alguns assassinos fascistas que

⁵² STERLING, Claire. *A Rede do Terror*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1981, pág 192.

⁵³ “Segundo a CIA, os ETA-Milis englobariam as Células de Barcelona, o Comando Dinasti, o Comando de Madri, o Comando de San Sebastian e o Comando de Vascaya, todos dissidências internas de orientação trotskiana, mas alinhados para efeitos de ação conjunta”. In: SOARES, op. cit., p. 116.

agiam de forma bastante violenta, como por exemplo, ao passar na rua e ver que certa pessoa possuía “cara de esquerdista” era agredida.⁵⁴

Em 1982, há bem claramente uma divisão do ETA, ficando de um lado um ETA mais político-militar (que não fazia valer-se tanto do terrorismo) e do outro lado o ETA militar, que usava a força armada e o terrorismo, como seu principal meio de conseguir o que queria. Mas os anos de terror foram causando cada vez mais repúdio na sociedade espanhola, que tentavam achar uma forma de se chegar à um diálogo e com isso um consenso para acabar com esses conflitos.

Várias medidas foram tomadas na tentativa de se reconstruir politicamente o país e que se consolidasse a democracia, mas o ETA respondia de forma bruta e agressiva, pois as propostas atendiam à algumas reivindicações do grupo, mas não à principal que era a separação total da Espanha⁵⁵. Não há dados concretos de que todos os bascos pensassem dessa forma, mas em contrapartida também não há dados dizendo que eles discordassem disso, então o ETA viu-se numa posição de assumir para si a liderança da luta basca.

2.4.2 – Financiamento

Como todo grupo terrorista, o ETA também tinha suas fontes de recursos para se manter ativo (aquisição de armas, bombas, e toda uma estrutura para que pudesse ser concretizado seus planos de ação). As armas eram obtidas por uma rede do terrorismo internacional, dos quais os integrantes do ETA já possuíam boas relações desde 1964, quando alguns de seus membros receberam treinamentos em Cuba; e também através de encontros com outros grupos terroristas iam estreitando essas relações, e havia cooperação até mesmo entre membros do Al Fatah (grupo palestino).

Outra importante fonte de recursos do ETA são as doações de seus compatriotas bascos. Essas contribuições inicialmente eram voluntárias, mas chegou-se a ponto de não ser mais suficiente. Então grandes e médios industriais se viram ‘forçados’ a

⁵⁴ SOARES, op. cit., p.116.

⁵⁵ Suas principais reivindicações eram: formação de um Estado basco independente, em território espanhol e francês, englobando os bascos da Espanha e da França; incorporação da província de Navarra a esse Estado basco independente; reconhecimento internacional desse Estado basco; retirada da polícia espanhola do País Basco; anistia para os presos bascos (cerca de quinhentos) na Espanha e na França. In: MAGNOLI, op. cit., p. 136.

fazerem contribuições regularmente ao grupo, e isso era obtido através de seqüestros ou até mesmo simples extorsão. Por causa disso, diversos empresários deixaram o país basco, ficando bastante comprometida a situação econômica da região, onde sua renda *per capita* deixou de ser a primeira e se tornou a décima quinta em questão de poucos anos. Com todas essas diversidades, a causa basca ainda subsiste de alguma forma. Os mais jovens às vezes acabam se deixando levar mais facilmente e com isso o ETA se apóia para conseguir novos adeptos e prosseguir sua luta.⁵⁶

2.4.3 – Cessar-fogo

Depois de mais de quarenta anos de luta, o grupo ETA havia feito duas tentativas de trégua, uma em 1989 e outra em 1998, o que não durou muito tempo e logo começaram os ataques novamente. No ano de 2006, o ETA anunciou⁵⁷ que estava planejando um acordo de cessar-fogo permanente mas não incondicional, (pedem diálogo, negociações e que se chegue a um acordo). No final da mensagem o grupo declarou que “a superação do conflito, aqui e agora, é possível”⁵⁸. De fato ocorreu em 24 de Março de 2006. Esta é a primeira vez que o ETA faz um acordo desse tipo, e o governo espanhol está um pouco mais otimista (pelo menos uma parte do governo) devido ao grupo anunciar um ‘cessar-fogo’ e não somente uma trégua.

A organização fez um pedido às autoridades da Espanha e da França “para que respondam à sua atitude de maneira positiva, deixando de lado a repressão”⁵⁹ que permitam que o povo basco tenha direito ao diálogo.

Para o chefe do governo espanhol, o socialista José Luis Rodríguez Zapatero, disse que seria necessário cautela para que tudo ocorresse da melhor forma possível e que esse cessar-fogo fosse realmente efetivado e cumprido.

Segundo especialistas do Ministério do Interior espanhol, há algumas características que chamam atenção, e que de certa forma, pode realmente ser verdadeira a intenção do grupo. A primeira seria que o grupo, da mesma forma que o IRA (Exército Republicano Irlandês), propôs um cessar-fogo, sem utilizar-se da palavra

⁵⁶ SOARES, op. cit., p.119.

⁵⁷ O grupo utiliza o jornal “Gara” como veículo para transmitir suas mensagens.

⁵⁸ Notícia publicada no jornal Correio Braziliense em 23/03/2006, *ETA promete paz*, p. 36.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u94005.shtml>> Acesso em: 25/05/2006.

‘trégua’. Uma segunda característica é que a mensagem que foi transmitida por um vídeo (entregue numa rede de televisão local no País Basco) foi dita por uma voz feminina, de forma clara e sem distorções. E um último ponto, seria que foi cumprido um prazo de mil dias sem ataques cometidos pela organização.⁶⁰

As últimas vítimas do grupo ETA foram dois policiais mortos em 30 de Maio de 2003. Desde então o grupo cometeu pequenos atentados a bomba em instalações elétricas e ferroviárias, repartições do governo e locais turísticos, causando pequenos danos e alguns feridos, mas não houveram mortes. No entanto houveram poucas ações aos alvos tradicionais da organização como quartéis militares e policiais e sedes de partidos políticos e judiciais.⁶¹

O governo espanhol está um pouco dividido com relação a acreditarem se essa intenção do ETA é verdadeira ou não. Para o secretário-geral do Partido Popular (PP), Angel Acebes, “não se pode negociar com quem ameaça voltar a matar se não pagarmos o que pedem ou o que reivindicam”, disse. Neste comentário Acebes se refere a questões como “a adesão de Navarra, a autodeterminação no País Basco, a anistia aos presos do ETA e a legalização do Batasuna (partido nacionalista radical)”⁶². Zapatero anunciou que até junho de 2006 seria um prazo para que fosse mostrado que as intenções de paz são verdadeiras. A partir disso, se iniciariam os diálogos na tentativa de se chegar à um acordo entre o governo e o grupo. O primeiro-ministro afirmou que é necessário dar oportunidade ao diálogo, pois todos os ideais têm espaço de conviverem juntos, desde que suas idéias sejam defendidas com ‘palavras’. Outros partidos do governo também declararam seu apoio a decisão de Zapatero, como o partido da União Democrática da Catalunha (UDC) e da Convergência e União (Ciu).

O que se espera é que esse cessar-fogo seja efetivado. Com isso, finalmente seria o fim da violência na região que já dura tantos anos e já deixou tantos mortos e feridos.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u51914.shtml>> Acesso em: 25/05/2006.

⁶¹ Notícia publicada no jornal Correio Braziliense em 23/03/2006, *ETA promete paz*, p. 36.

⁶² Disponível em: <http://jn.sapo.pt/2006/05/21/ultimas/zapatero_criticado_pela_intern_.html> Acesso em: 25/05/2006. O partido se tornou ilegal após ser considerado um apoiador do grupo ETA, então com as intenções e, se forem efetivados os acordos, o partido espera voltar a legalidade.

2.5 – O terrorismo em números

Na década de 70 que se iniciaram com mais frequência ataques terroristas, como por exemplo um que foi realizado pelo IRA em 21 de setembro de 1974, onde morreram 21 pessoas e 164 ficaram feridas, num ataque à bomba em Birmingham. Mas a partir da década de 80 passa a ser mais freqüente ainda esse tipo de evento.

Antes dos atentados às torres gêmeas, nos EUA, em 11 de setembro de 2001, o número de ataques estava diminuindo ao longo da década de 90, e chegou-se a ter certa esperança de que isso se reduzisse cada vez mais até o ponto de parar. Contudo, o que pode ser observado é que os números desses fatos diminuíram, mas seus efeitos foram mais mortíferos que os de outras décadas.

Outros ataques de maior estrutura também aconteceram em 1998, com “a explosão de bomba nas embaixadas americanas do Quênia e da Tanzânia, ocasionando a morte de 224 pessoas”.⁶³ Houve também um atentado à uma aldeia na Argélia que ocasionou a morte de 420 pessoas também chocou o mundo.

As pessoas também acompanharam com horror os terríveis atos cometidos por Saddam Hussein aos curdos no norte do Iraque, usando como meio de terror o bioterrorismo⁶⁴. Outro bom exemplo desse tipo de terrorismo foi o que aconteceu em Tóquio em 1995, onde seguidores da seita japonesa Aum Shinrikyo (Verdade Suprema), que espalharam o gás sarim⁶⁵ no metrô de Tóquio, que ocasionou a morte de 12 pessoas e cerca de 5.000 ficaram hospitalizadas. Segundo Jacques Wainberg, membros desse grupo acreditavam que com a morte de 30.000 pessoas poderia ser evitada uma grande catástrofe prevista para o final do século, fruto da maldade humana ao longo dos tempos.

Muito se pensa que a maior parte de ataques terroristas ocorreram, na década de 90, no Oriente Médio, ou foram provocados por islâmicos. Mas não foi bem assim. A região era responsável por um terço dos incidentes desde 1980. No período de 1984 a

⁶³ WAINBERG. Jacques A. *Mídia e Terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 55.

⁶⁴ Bioterrorismo é o uso de armas químicas e biológicas como técnica de ataques terroristas.

⁶⁵ O gás sarim “atua no sistema nervoso, provocando sangramento nasal e aperto no peito, seguido de espasmos musculares, vômitos, convulsões e coma. A pesquisa desse gás foi iniciada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e concluída após o fim do conflito”. In: idem. p. 56.

1987 e de 1993 a 1994, a Europa e a América Latina foram palco da maior parte dos atentados. Em 1990, houve 437 ocorrências e grupos localizados em sete países (Afeganistão, Chile, Colômbia, Peru, Filipinas, Espanha e Suíça) praticaram 37% dos atos. Cinco anos depois, grupos da Turquia e Colômbia realizaram 60% dos 440 ataques. Em 1998, caíram para 273. E o número de vítimas fatais caiu de 4.833 na década de 1980 para 2.527 na década de 1990. Por isso, pensava-se que a chamada era do terror⁶⁶ poderia estar perto do fim.⁶⁷

Com os ataques de 11 de Setembro, percebe-se que se inicia uma nova era do terror, e que agora os motivos não são, como era em sua maioria antes, de motivos separatistas e nacionalistas, e sim com diversos motivos, ou até mesmo como, por exemplo a Al Qaeda que declara ser uma “guerra ao ocidente”, onde seu alvo ‘preferido’ são os Estados Unidos, mas qualquer Estado pode ser palco de suas atrocidades.

O que aconteceu no Iraque, neste início de século XXI, após a invasão dos EUA e com a saída do ditador Saddam Hussein, também merece atenção neste ponto. Constantemente a mídia reporta aos fatos ocorridos no Iraque como atentados terroristas. Normalmente aparece alguma manchete contendo o título “ontem ocorreu um atentado terrorista no Iraque causando a morte de 15 pessoas”. Mas o que se deve pensar é que, até que pontos são considerados atos terroristas? No Iraque trata-se mais de um conflito interno, com suas causas e conseqüências que devem ser resolvidas internamente, uma melhor colocação neste caso seria uma guerra civil e não atos de terror (como a mídia assim considera). Suas causas são diferentes, como também seus agentes do conflito e a busca por sua resolução também deve ser tratada de forma diferente.

A partir disso tudo se percebe o quanto essa questão do terrorismo é complicada e merece ser analisada. Como também uma melhor atenção deve ser dada ao assunto, para que se busque, pelo menos, uma diminuição desses acontecimentos, pois acabar com eles é uma tarefa um tanto quanto difícil, mas é necessária a busca constante pela paz.

⁶⁶ Expressão criada na década de 60, referindo-se aos atos violentos que estavam se alastrando pelo mundo.

⁶⁷ WAINBERG. Op. cit., p. 57.

No próximo capítulo a análise será em torno da relação entre mídia e o terrorismo, como também o enlace entre o que já foi mostrado até agora, isto é, a ligação entre a teoria apresentada juntamente com os exemplos e como isso tudo movimenta os meios de comunicação.

3. MÍDIA E TERROR

Neste terceiro e último capítulo será melhor analisada a mídia. Os meios de comunicação estão envolvidos em todos os assuntos, desde uma simples informação sobre entretenimento e até notícias sobre guerras e conflitos. A informação acaba virando um produto e se certo acontecimento atrai a atenção das pessoas, gerando aumento das vendas de jornais e revistas, então merece destaque e sempre que necessário ser mostrado mais. É o que acontece com o terrorismo, pois os meios de comunicação já perceberam que mostrar a violência instiga a curiosidade das pessoas, aumentando a procura por esse tipo de informação. Nesse contexto é importante analisar como a mídia mostra os terroristas e os atos terroristas em si, como também sua grande influência na formação da opinião pública.

Mas primeiramente uma breve análise do terror como luta local e global, já que certos conflitos se iniciam dentro de determinado território e acabam ultrapassando as fronteiras. Isto influencia a relação entre os países e movimenta as relações internacionais, pois em especial num mundo globalizado, certos acontecimentos dentro de um Estado (ou envolvendo territórios de Estados distintos) acabam repercutindo em outros lugares.

3.1 – Terror como luta local e “global”

Desde a criação do Estado-nação, existe a relação entre dominantes e dominados que forma esse Estado com leis próprias, idioma oficial, uma população, costumes, uma fronteira delimitada e um tipo de governo. Mas às vezes as coisas vão um pouco mais além. Por exemplo, casos em que uma parte da população discorda em certos aspectos da maioria (pode ser motivos culturais, religiosos, étnicos e assim por diante) e busca uma separação e autonomia. Mas esse processo pode ser longo e difícil.

É o que acontece hoje na Irlanda, onde se busca uma separação e independência da Grã-Bretanha (como foi mostrado mais detalhadamente no capítulo anterior). O que se usou para contestar suas reivindicações e conquistar seus objetivos,

em sua grande parte foi por meio do terror, isto é, da violência. É a forma de ação do grupo IRA (Exército Republicano Irlandês). Neste contexto observa-se que há um objetivo claro, ou seja, que se fosse alcançado o que eles buscam, esse conflito deixaria de existir. Mas em 2005 a tática do IRA mudou, houve um cessar-fogo e a nova forma de ação é por meio do diálogo e não mais da violência.

Acontece de forma semelhante na Espanha, onde os bascos buscam a separação e autonomia do País Basco. O grupo ETA foi a organização que tinha como objetivo essa separação. E seu meio de ação utilizado foi o terror, valendo-se da mídia para se expor melhor e mostrar ao mundo sua causa. Começou como uma luta local, mas com o passar do tempo foram tomando proporções que acabaram afetando o cenário internacional. Isso acontece quando atentados acabam ocorrendo fora de suas fronteiras nacionais (o que às vezes pode ser simplesmente uma forma de chamar ainda mais atenção). O que acaba influenciando nas relações políticas e econômicas entre os Estados. Com o cessar-fogo do ETA a luta deles não acabou, somente mudaram-se as táticas de ação para conseguirem o que almejam, que será com o diálogo e não mais com a violência.

Outro bom exemplo é a organização terrorista Al Qaeda. Mas é um tipo bem diferente dos dois citados anteriormente. A Al Qaeda é uma grande organização terrorista internacional, que tem como principal “líder” o saudita Osama Bin Laden. O principal diferencial é que, não há uma “causa exata” como argumento para justificar suas ações. Essa organização ataca em diversos cantos do planeta, seu principal objetivo são os EUA, mas como também o ocidente de modo geral. Buscam espalhar o terror e atormentar as pessoas. Seus ataques são bastante inesperados e sem tantas semelhanças entre um e outro. Para conseguirem adeptos, em muitos casos, recorrem à religião, como se fazer aquilo fosse algo que estaria agradando uma divindade superior, seria motivo de orgulho. Assim que comumente ocorrem os ataques com os “homens-bomba” que não se importam que seja tirada sua vida, pelo contrário, é motivo de orgulho. Tirar vidas do suposto ‘inimigo’ que lhe foi mostrado em nome de Deus.

Acabar com esta organização é bastante complicado, até porquê não há uma clareza nos seus objetivos, não se sabe o que eles querem. Pelo contrário, com o passar dos dias conseguem mais adeptos à organização que são condicionados,

muitas vezes pela religião, de que o inimigo mora no ocidente. Os países ocidentais são mostrados (pelos religiosos mais radicais) como pecadores, e em certo ponto os responsáveis pelas desigualdades econômicas.

Muitos terroristas são atribuídos como sendo de origem islâmica. A forma que a mídia mostra isso parece que de modo geral o Oriente Médio é um território onde abriga extremistas religiosos. E não é bem assim. Primeiramente, a região tem sofrido constantes ataques no último século (os ataques dos britânicos ao Egito na chamada crise de Suez, em 1956; a campanha, que tinha como líder os Estados Unidos, para liberar o Kuwait do Iraque, em 1990-91; Israel e seus vizinhos que são constantemente bombardeados; entre outros). Além desses ataques, conflitos e guerras civis que resultaram na morte de milhares de pessoas, a situação econômica do país torna a vida dos povos islâmicos cada vez mais dura, o que só piora com a violência. Nessa região a população ficou um pouco desacreditada, com tantos conflitos e ditaduras tão enraizadas em seus países e a falência de suas economias, sendo que, esses malefícios, são por muitos atribuídos às potências ocidentais. O que faz com que o conflito interno acabe chegando a outros pontos do mundo. Mesmo que seja uma percepção um pouco distorcida, ou influenciada por certos chefes do governo, é o que acaba acontecendo, e gerando uma certa raiva ao ocidente, em especial os Estados Unidos⁶⁸.

Para alguns analistas os terroristas se assemelham aos guerrilheiros, em partes sim, mas há certas diferenças. As guerrilhas sempre ficaram infiltradas no meio da população e buscando seu apoio e também adeptos à sua causa, como ocorre da mesma forma com os terroristas. Uma grande diferença entre os dois é que, os guerrilheiros buscam atacar o menos possível a população civil, pois sabem da sua importância como ponto de apoio, sendo assim, focam mais em ataques a combatentes. O que difere de terroristas, que não vê o menor problema em atacar civis (certas organizações até gostam, quanto mais vítimas fizerem, melhor), isto é, os civis são realmente o alvo (apesar de atacarem outros alvos também). Outra semelhança entre guerrilheiros e terroristas é o impacto que eles causam aos seus opositores,

⁶⁸ TALBOTT, Strobe e NAYAN, Chanda (orgs). *A Era do Terror: o mundo depois de 11 de Setembro*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p.44.

sempre de forma chocante e de gostar de mostrar que eles 'existem' e que estão presentes. Apesar de sofrerem sérias repressões (mais os grupos guerrilheiros por serem mais fáceis de serem identificados) do governo, este não consegue acabar facilmente com o grupo.⁶⁹

O que ocorre, às vezes, é que por um certo padrão de violência mal formulado pelos governos para reprimirem as guerrilhas, acabam gerando um certo rancor, raiva e um desejo de vingança. É comum quando isso acontece que então os grupos guerrilheiros podem mudar suas táticas e tentam a todo custo manter um certo 'controle' e apoio da população civil.

3.2 - O terrorismo como espetáculo

Nos dias de hoje os meios de comunicação, de modo geral, apresentam de maneira rápida uma explicação para todos os tipos de problemas, soluções para todas as necessidades e respostas para diversos tipos de questionamentos (podendo variar de acordo com o que estiver em pauta ou for mais conveniente). Mas a questão mesmo é: saber que tipo de informação é mais confiável, sem deixar de lado o senso crítico de cada um ao receber tais informações.

O terrorismo vira espetáculo ao criar fatos para mídia. Por exemplo, num dia aparentemente normal, dois ícones no centro de New York são atingidos por aviões domésticos. Algo do tipo era considerado impensável para os norte-americanos devido à sua grande crença que estariam seguros e que o país não estaria vulnerável a tais eventos. Neste atentado conseguiram tirar a auto-estima dos seus cidadãos e colocou-se em evidência a vulnerabilidade de sua política externa⁷⁰.

A violência desperta a atenção, isto é, tira o ser humano do seu cotidiano apático naquele momento e se volta para o que está sendo mostrado na mídia. A televisão impressiona mais ainda, devido aos grandes avanços tecnológicos, pois pode ser visto em tempo real bombas sendo lançadas do outro lado do mundo, parecendo um filme de

⁶⁹ CARR, Caleb. *A Assustadora História do Terrorismo – uma história da guerra contra civis: por que nunca deu certo e nunca dará*. São Paulo: Ediouro, 2002. p.144.

⁷⁰ MELO NETO, Francisco Paulo de. *Marketing do Terror*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 66.

ficção. Entretanto, não é algo de pura realidade, vez que acaba-se transformando aquele fato num verdadeiro espetáculo.

“A mídia é sensível à capacidade que tais atos violentos têm de atingir com vigor os sentidos das pessoas. A atenção dos públicos é um produto escasso, e a violência, ao capturá-la, presta um serviço que vai além do mero despertar da percepção dos diversos segmentos do público é desafiada”.⁷¹

A forma como são expostos os acontecimentos influencia, e muito, o imaginário das pessoas.

Os meios de comunicação apresentam constantemente ao público afirmações e generalizações sobre todo tipo de problema social, entre eles o terrorismo, no qual o alvo são vítimas “civis inocentes”. Os terroristas não pedem para que seja feita sua publicidade, mas o seu efeito perante o público compensa, pois o medo causado por esses acontecimentos faz com que notícias voltadas a esse assunto fiquem constantes (pois a mídia ‘percebeu’ como as pessoas se interessam pelo assunto, assim aumentando a procura por jornais e revistas, conseqüentemente aumenta-se o lucro), e se está vendendo, vale a pena dar cobertura midiática ao assunto. Tragédias, brigas, conflitos e guerra são fatos que para os meios de comunicação merece destaque, sendo, em diversas vezes, notícia de capa.

Quando acontece um determinado evento, como por exemplo, o marcante 11 de setembro, onde ao se ligar a televisão o que se via eram as imagens dos aviões entrando nas Torres Gêmeas, isso sendo repetido incansavelmente, e com uma narrativa de que o mal, isto é, pessoas de má índole, ditas terroristas, “sem coração”, tentam mostrar que o sistema de segurança tem falhas, até mesmo na maior potência do mundo, resultando na morte de milhões de pessoas. O que quase não se vê, é que, este ‘conflito’ já existe há algum tempo e vem sendo cultivado um certo rancor e ódio por quem cometeu os atos. Digamos que seja a conseqüência de muitos anos de episódios que vêm acontecendo e sendo deixados de lado (há toda uma discussão ao redor disso, envolvendo questões culturais, políticas e religiosas). O que se pretende mostrar aqui é como os fatos são ‘despejados’ e absorvidos pelas pessoas que o assistem, sem que se busque uma explicação, ou ao menos tentativa de se entender o porquê de tais acontecimentos, e sem generalizar. Por exemplo, chamar o Islã de ‘eixo

⁷¹ WAINBERG. Op. cit., p. 11.

do mal', pois esta seria uma luta contra o mal e quem não estivesse a favor do 'bem', estaria do lado do chamado de 'mal'.⁷²

Segundo alguns especialistas, a violência política pode tornar-se terrorismo, quando os atores percebem que com a publicidade podem facilitar o alcance de seus objetivos políticos.⁷³ A partir desse fator, pode ser percebido o porquê também de alguns grupos escolherem o terror como meio de ação, e isso é transmitido com tal velocidade pela mídia atuante que às vezes é real, isto é, 'ao vivo'. Pois se não fosse mostrado como tal, não teria tanta repercussão, seria um fato isolado e seu efeito muito menor que o esperado. Por meio desse tipo de violência, não se pretende vencer o inimigo naquele momento e sim amedrontá-lo e mostrar o que se é capaz de fazer, e ao mesmo tempo mostrar ao público geral o seu problema e sua causa.

Há também os casos que por si só já causam efeitos suficientes, com ou sem a divulgação pela mídia, que é quando ocorrem assassinatos, ou tentativas, de alvos estratégicos (como um político, ou líder religioso, por exemplo). "Os veículos de comunicação são chamados a cumprir o papel de disseminador do pânico nas situações em que o terror tem de ser transferido aos lares e às mentes das pessoas".⁷⁴ Mas com a "propaganda" feita pela mídia, seu resultado pode ser melhor percebido pelas sociedades.

A questão da moral da ação terrorista pode variar um pouco, o que está em jogo é a legalidade dos meios. É difícil estabelecer qual a causa mais justa: cada um dirá que seu objetivo é mais adequado que do outro. Mas como e por que fará a diferença? Parecerá mais legítimo se for usado a força como meio de derrubar, por exemplo, um líder despota que está no poder, com seu povo sofrendo com tanta repressão, mas se forem casos de, por exemplo, homens-bomba que explodem em lugares públicos matando diversas pessoas, isso já não seria visto da mesma forma.

Segundo Walter Laqueur, alguns fatos podem ser justificados para não serem considerados imorais, como por exemplo, a morte de pessoas na fogueira na Idade Média pela Igreja Católica, onde se dizia que os que estavam sendo mortos na fogueira

⁷² Ao ser dito que as pessoas 'aceitam' não quer dizer todas, mas uma parcela significativa das sociedades não discorda do que é mostrado (ao menos nas sociedades ocidentais).

⁷³ SCHAFFERT, Richard W. (ed.). *Media coverage and political terrorists: a quantitative analysis*. Nova York: Praeger Publishers, 1992. p. 40. In: WAINBERG. Op. cit., p 19.

⁷⁴ Idem, p 15.

eram infiéis ou bruxos, que iam contra os princípios da Igreja. Ou o assassinato de tiranos como Hitler e Stálin, que assim talvez teria evitado os terríveis acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.⁷⁵

3.3 – Como a guerra ao terror é relatada

A forma como acontecem e são relatadas as notícias sobre atentados terroristas vai muito além do acontecimento em si, e em certos casos pode mudar, e muito, o decorrer político de um país. Por exemplo, os atentados de 11 de março de 2004 em Madrid, foram relatados da seguinte forma:

“Uma série de explosões praticamente simultâneas em quatro trens lotados em Madri, em plena hora do rush matinal, marcou o 11 de março de 2004 como o dia dos mais graves atentados terroristas da História da Espanha e entre os maiores já realizados na Europa. Os ataques feriram mais de 1400 pessoas e mataram mais de 200, deixando um rastro de luto e perplexidade na Espanha e no mundo”⁷⁶.

Inicialmente as autoridades espanholas colocaram como autores do atentado o grupo ETA (apesar do ETA não ter assumido nem anunciado que poderia ocorrer tal fato – como em algumas ocasiões o grupo faz -, pois a organização normalmente não nega os atentados de sua autoria, e não foi o que aconteceu no caso), mas logo isto mudou, pois além de sair um pouco do estilo dos atentados do ETA (que normalmente atacam exércitos ou alvos políticos, e não civis), o jornal árabe "al-Quds al-Arabi" disse ter recebido uma carta onde o grupo da Al-Qaeda (rede terrorista do saudita Osama Bin Laden) assumia os atentados.

Este atentado mudou o rumo da política do país na época (os atentados ocorreram três dias antes das eleições para primeiro-ministro), onde o então primeiro-ministro José Maria Aznar, foi um dos primeiros a culpar o grupo ETA como autores, mas ao ser desmentida essa notícia, a população exigia do governo que fossem achados os culpados pelos atentados. Com a população em estado de choque, seu efeito repercutiu diretamente nas urnas, onde quem ganhou foi o candidato do Partido

⁷⁵ LAQUEUR, Walter. *The New Terrorism: Fanaticism and the arms of mass destruction*. Nova York: Oxford University Press, 1999. In: WAINBERG. Op. cit., p. 47.

⁷⁶ Notícia publicada no jornal O Globo, no dia 11/03/2004. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/infoglobo/quemlesabe/diversos/espanha.htm>>. Acesso em: 20/05/2006.

Socialista Operário Espanhol (PSOE), José Luiz Rodríguez Zapatero, que durante sua campanha disse que pretendia tirar as tropas espanholas do Iraque.⁷⁷

Para as vítimas, a mídia ajuda na propagação da guerra psicológica dos terroristas. Ao darem tamanha cobertura a esses fenômenos, a mídia é apontada como fator que ajuda a extorquir, punir o inimigo, causar certo temor e pânico na população, deixa no ar a possibilidade de novos ataques (às vezes é apresentado de forma sutil que tais eventos ou 'piores' podem acontecer). Timothy McVeigh, responsável por um atentado terrorista em 1995 na cidade de Oklahoma, nos Estados Unidos, que causou a morte de 168 pessoas, disse que escolheu o local por ser um ponto crucial e que causaria ainda mais impacto⁷⁸, que posteriormente seria mostrado como um 'espetáculo' pelos meios de comunicação. Até mesmo após ser julgado e condenado à pena de morte, e antes de sua execução, McVeigh enviou uma carta a um jornal local onde pedia para que sua execução fosse apresentada à maior quantidade possível de pessoas, sugerindo até que fosse transmitido pela televisão⁷⁹.

Segundo Jacques A. Wainberg, "se o ato terrorista fosse cometido e não houvesse alguém disponível para atentar ao fato e por ele ser de alguma forma coagido, surpreendido ou intimidado, poder-se-ia argumentar que o terror não existiria ou deixaria de existir"⁸⁰. Sendo assim, segundo o autor, a mídia tem certa influência e poder para fazer do terrorismo um espetáculo e este acaba usando a imprensa para 'mostrar' o que eles querem, chamar a atenção e causar impacto. Sobre os elementos por ele selecionados, uma exceção, por exemplo, de que apesar de precisar um pouco da mídia, esta não lhe é indispensável, é o caso do grupo Sendero Luminoso (do Peru), que além de atacar pontos importantes da política do Estado, acabam causando forte impacto à população ao atacarem redes de fornecimento de água e energia elétrica.

Ao se pegar um jornal ou revista para ler, é comum ter algo sobre atentados, como manchete principal ou pelo menos uma pequena nota que seja. No dia 24 de abril de 2006, houve um atentado no Egito que foi assim descrito: "Os ataques, perpetrados

⁷⁷ A população estava insatisfeita com a posição de Aznar com seu grande apoio ao governo Bush no conflito com Iraque, e não queriam tropas espanholas no Iraque. Juntando-se este ponto aos acontecimentos, foi o resultado das eleições daquele ano, saindo como vitorioso o socialista Zapatero.

⁷⁸ O atentado aconteceu em um prédio do governo federal na cidade.

⁷⁹ Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010211_oklahoma.shtml> Acesso em: 25/05/2006.

⁸⁰ WAINBERG. op. cit., p. 64.

contra um hotel, um restaurante e um supermercado da cidade, deixaram cerca de 22 mortos e pelos menos 150 feridos, segundo a agência de notícias Associated Press". 'Os Estados Unidos enviam suas condolências às famílias daqueles que morreram', disse o presidente norte-americano George W. Bush. "Nós manteremos aqueles que ficaram feridos em nossos pensamentos e orações, e eu garanto ao inimigo: nos manteremos na ofensiva e não desistiremos. Nós faremos justiça em nome da paz e da humanidade"⁸¹, disse ao final. Ainda segundo a reportagem, os atentados estariam ligados à organização Al-Qaeda. Com esse relato do presidente norte-americano, percebe-se que ele continua na sua luta contra os 'terroristas', luta do bem contra o mal⁸², também na tentativa de conseguir mais aliados à 'sua causa'.

Ao se analisar essas notícias, percebe-se que além do terror ser tratado como espetáculo, sua repercussão e efeito vão mais adiante, pois além de ser dada certa publicidade aos atos terroristas (causando mais efeitos como eles gostariam), também ocorre de chefes de Estado se 'aproveitarem' da situação para fazerem propaganda de si mesmos, como os que buscam a preservação da segurança, a paz, condenam esses atos e que acharão 'os culpados' para que sejam julgados. Conseguindo assim a simpatia de seus patriotas.

3.4 – O capital midiático

Hoje em dia a relação entre a mídia, publicidade e a comunicação de modo geral estão cada dia mais tênues, uma complementa a outra. Certos aparelhos eletrônicos já não possuem somente suas funções iniciais. Através do celular, por exemplo, é possível enviar textos, imagens e sons, coisas impensáveis há 10 ou 15 anos atrás, e estão sempre surgindo novidades, gerando um consumismo nas pessoas. O rádio e a televisão também mudaram seus formatos, se adaptando à era digital. E de uns anos para cá, surgiu a Internet, outro meio de comunicação onde os eventos são divulgados quase que em tempo real.

⁸¹ Notícia publicada no jornal O Estadão, dia 24/04/2006. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2006/abr/24/240.htm>. Acesso em 20/05/2006.

⁸² Posição que o então presidente tomou desde os atentados de 11 de setembro de 2001. E na sua tentativa de manter sua simpatia com seus patriotas e mostrar certa preocupação com o cenário internacional.

A mídia tem grande poder. O que a imprensa mostra é repetido no rádio, televisão, na Internet e nos meios de comunicação como um todo. Às vezes isso acaba sendo influenciado até nos momentos de lazer como, por exemplo, nos filmes que reafirmam certos conceitos do que é 'certo' e 'errado', qual o 'estilo de vida' adequado, certos padrões a serem seguidos, ditando a moda (como se vestir), mostrando que ser magro que é 'bonito', e assim por diante.

A informação atual tem certas características. Uma delas é que se deixou um pouco de lado o seu papel de informar e educar, sendo tratada, às vezes, como mercadoria, pelas empresas de comunicação: vende-se e compra-se a informação para se obter lucros. Deixou de ter um pouco de qualidade e tem agora velocidade, não dá tempo para estudar e pensar direito no que é dito, daqui a pouco essa informação já está velha com muitas outras já sendo mostradas.⁸³

Outra característica da informação é que está cada dia mais fácil seu acesso. Recebemos uma grande quantidade de informação de forma gratuita (pelo menos aparentemente). Ao se ligar a televisão, o rádio e a Internet, temos a informação quase que de graça, mas quem paga por isso é a publicidade, a mídia vende “consumidores a seus anunciantes”⁸⁴, essa é a relação que movimenta a comunicação. Existe o discurso da contra-informação (que se tenta mostrar um outro lado do que é dito pelos meios de comunicação de massa), mas isso é muito difícil, visto que às vezes esses discursos não têm tantos critérios atrativos, como também técnicas e lingüística, o que dificulta competir com o discurso dominante. O que pode se referir a critérios atrativos são, por exemplo: o fato de não ter tanto recurso ou receber recursos de empresas para melhorar e ampliar seus meios de divulgação; não há tanto espaço na televisão, isto é, são poucos os canais que têm uma preocupação com o conteúdo da informação que difere do discurso dominante. Sendo assim, fica difícil competir com, por exemplo, as filiais da organização Rede Globo, que possuem canais de tv por assinatura, rede aberta com grande índice de audiência, revistas, provedores de Internet (com conteúdos exclusivos, para atrair mais consumidores) e assim vai.

⁸³ RAMONET, Ignácio. *O poder midiático*. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. p. 247.

⁸⁴ Idem, p. 248.

Os meios de comunicação influenciam, e muito, na vida política, pois os políticos dos dias de hoje têm que ter, além de boas propostas de governo, claro, é necessário saber a forma de se portar diante da imprensa, principalmente a televisão, pois isso fará diferença no final. A mídia, de certa forma, pode ajudar a eleger candidatos, como também pode passar uma ‘imagem’ não muito boa, se for o caso, mesmo que às vezes ocorra de forma sutil.

A mídia cria diariamente sua forma de mostrar as notícias aos telespectadores, os fatos são transformados em notícias como se fossem realmente daquela forma que aconteceram, mas tem todo um desenvolvimento do discurso que será apresentado, e um simples evento, com um pouco de dramatização e certo espetáculo vira notícia de primeira página, com grande destaque. Assim, ao sair em determinado meio de comunicação, os demais, provavelmente, darão certo destaque também. Fazendo com que muitos telespectadores acreditem que aquilo é a ‘verdade’ dos fatos como eles ocorreram.⁸⁵

Ao se analisar o discurso das grandes empresas dominantes, percebe-se que há certos fatores semelhantes. O primeiro deles, é um discurso rápido, não muito aprofundado sobre o tema, frases curtas e sucintas, títulos que causem certo impacto. Há essa rapidez para que se evite o tédio. O segundo fator é como é feito esse discurso, de maneira simples para que possa ser entendido pelas pessoas de modo geral, há a “simplicidade da construção”. O terceiro é a forma espetacular que as notícias são apresentadas, um discurso que mexe com a emoção do telespectador, mostrar elementos para enriquecer a notícia (como por exemplo, algumas imagens, que podem chocar mais que o discurso); ou dramatizar um pouco alguns noticiários.⁸⁶

3.5 – A influência da mídia na formação da opinião pública

Ainda não existe uma pré-definição adotada por diversos autores sobre o que seria “opinião pública”. Aqui será adotado como definição de opinião pública algo que expresse o pensamento de grande parte de determinada coletividade, sobre determinado assunto, num certo momento. Sendo assim, a opinião pública é bastante

⁸⁵ ARBEX JR, José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001. p. 103.

⁸⁶ RAMONET. Op. cit., p. 249.

volátil, retrata aquele determinado momento e em pouco tempo pode ser mudado ou desaparecido.⁸⁷ O público quer ser ouvido através de passeatas, manifestações, greves, pressões aos políticos, cartas aos jornais e revistas, entre outros.⁸⁸

Segundo Saïd Farhat a “opinião pública é o produto final do agregado dos impactos individuais de imagens sobre determinado conjunto social. A opinião coletiva desse grupo condiciona a atitude e determina o comportamento dos indivíduos que o compõem. Torna aceitáveis certos padrões e inaceitáveis outros”⁸⁹. Influenciar na opinião pública é muito importante para se conseguir vender produtos e serviços; ideais políticos; buscar mudanças sociais. Outro fator importante é que, além da mensagem a ser transmitida, o impacto que causará irá depender de quem transmite, onde e a linguagem usada.

Ao se tratar da opinião pública, na tentativa de se chegar ao maior número possível de pessoas, a melhor forma de se obter êxito é usar uma linguagem simples, de fácil entendimento, apesar dos diferentes níveis de percepção das pessoas, isso atrelado à boas imagens ajuda a confirmar e fixar o eu está sendo dito. Ao se usar este tipo de linguagem, também é necessário tomar certos cuidados com as ‘palavras’ para que não seja passada uma mensagem contrária à desejada⁹⁰.

A imagem também é um fator bastante relevante, pois certas imagens podem causar muito mais impacto do que mensagens ditas ou escritas (quem, por exemplo, irá se esquecer das imagens dos aviões entrando nas Torres Gêmeas nos EUA). “Toda mensagem envolve um convite à ação”. Dessa forma se reforçam certos aspectos que se deseja, como por exemplo, um nome; uma contestação; uma marca e assim por diante.⁹¹ A forma que a mídia transmite certas coisas soará de forma positiva ou negativa diante da sociedade.

A partir do que é mostrado pelos meios de comunicação é que as pessoas que estão “informadas” a respeito do assunto, acabam debatendo umas com as outras. A

⁸⁷ FARHAT, Saïd. *O Fator Opinião Pública: como se lida com ele*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1992. p. 27.

⁸⁸ AMARAL, Roberto. *Imprensa e Controle da Opinião Pública (informação e representação popular no mundo globalizado)*. In: Revista Comunicação e Política. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (CEBELA). V. VII n° 3 setembro-dezembro 2000. p.131. (ver como arrumar referência).

⁸⁹ FARHAT. Op. cit., p. 5.

⁹⁰ Idem, p. 39.

⁹¹ Ibidem, p. 7.

mídia passa a informação, com um sutil discurso tendencioso, que leva os indivíduos a crerem que é o correto e verdadeiro. Alguns indivíduos buscam fontes alternativas, principalmente com relação à televisão, onde uma parcela significativa da população têm acesso a poucos canais na rede aberta (pelo menos no Brasil), podendo ter uma outra visão para o mesmo acontecimento que foi dito de outra forma.

A opinião pública também é a política dos povos e dos Estados. Sem um apoio, pelo menos de grande parte de seus cidadãos, é muito difícil um país ir à guerra. Da mesma forma, a população pode se unir e fazer protestos na tentativa de se mudar algo, como o que aconteceu com o então presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, em 1992, que sofreu o Impeachment, depois que a população, em sua maioria estudantes (chamados na época de “caras pintadas”) saíram às ruas com seus rostos pintados e protestaram para tirá-lo do poder.

As sondagens passaram a ter um lado mercadológico, onde nem sempre a pesquisa é fiel aos dados que foram coletados e que depois de organizados poderiam ser chamados de opinião pública, mas que, em certos casos, se transforma no somatório de opiniões individuais.

Em alguns casos, a opinião pública perde um pouco sua autonomia e, meio que implicitamente, acaba sendo manipulada. Como, por exemplo, o que às vezes acontece num programa de fim de noite de domingo⁹² (programa esse com grande índice de audiência), uma enquête sobre uma reportagem a ser escolhida pelo público para que seja passada na semana seguinte, e aos se colocar as opções, coloca-se uma que de certa forma já esteja em pauta e outras duas sem grande impacto, apesar da produção do programa já ter ‘pré-escolhido’ o tema, e este acaba sendo o ‘escolhido’ pelo público que votou, então, o repórter do programa se refere ao telespectador como o que ‘você escolheu, então o programa mostrará’.⁹³

A sondagem de opinião está bastante adaptada à mídia, pois, por exemplo, se há uma determinada manifestação em determinado país, em pouco tempo já está na mídia sendo mostrado, com simplicidade, os motivos para tais manifestações, as respostas obtidas e as características do movimento (em números), o que também leva

⁹² Aqui se refere ao programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão.

⁹³ AMARAL, op. cit., p.133.

à simplicidade de conclusões. “A realidade tende a ser o que é constituído como tal pelo campo político-jornalístico e o que é importante para a mídia tende a se tornar importante em si para compreender o que é igualmente designado pela mídia como os grandes problemas da sociedade atual”.⁹⁴

Uma opinião pública sensata, seria importante, proceder de cidadãos que recebem informação de qualidade (apesar que hoje em dia é difícil saber qual é a informação de qualidade ou menos tendenciosa), e processem essa informação de forma crítica para daí então formarem a opinião. Mas o que ocorre hoje são pesquisas mal formuladas que acabam demonstrando a opinião de um pequeno grupo da sociedade (grupo este que pode variar de acordo com o ‘público principal’ que se quer atingir com a pesquisa), então a informação acaba se transformando no produto de lucro de empresas de comunicação comerciais-industriais, e perdendo um pouco do seu verdadeiro objetivo e missão inicial, que seria prestar uma informação clara, objetiva e acima de tudo, mais verdadeira possível⁹⁵.

⁹⁴ CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a Opinião: o novo jogo político*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. p.183.

⁹⁵ AMARAL, op. cit., p.135.

CONCLUSÃO

A partir deste estudo foi possível perceber o quanto o assunto acerca do terrorismo é importante e merece mais análise e pesquisa. Como também sua relação com a mídia, porque há controvérsias entre analistas de que se existe uma relação entre mídia e terror. O presente trabalho tentou demonstrar e discutir a visão de que existe um elo sim e de que um se beneficia com o outro. Percebe-se o quão tênue é a linha entre esses dois pontos. Com tudo isso, foi possível notar que há repercussão no interior dos Estados e na relação entre eles.

O terrorismo foi e é usado como ferramenta de ação por pessoas de diferentes raças, sexos, religiões e etnias. Nota-se que sua questão não é simples, que não se sabe se é possível que um dia isso acabe, e que os indivíduos resolvam se manifestar de forma pacífica. Mas a forma como chama a atenção e causa impacto faz com que dificulte o fim do terror.

Neste estudo foram apresentados alguns exemplos de grupos terroristas e a partir disso, percebe-se o quanto é difícil e delicado o tema devido a sua grande diversidade na forma de atuação e seus motivos. O conhecimento relativo ao assunto ajuda a se antecipar aos atos terroristas de forma que se tente amenizar algumas situações ou até mesmo visando a diminuição desses acontecimentos.

Dos quatro exemplos mostrados, em dois deles há uma tentativa de cessar-fogo, isto é, chegou-se a um acordo para que se utilizasse de outros meios de contestação. Mas apesar disso, esse acordo ainda é visto com um pouco de dúvida no cenário das Relações Internacionais, isto é, há um certo receio de que não seja realmente efetivo e que os referidos grupos acabem voltando a usar as armas para se expressar.

O assunto merece mais estudos, para que se possa melhor compreender os fatos e contextos que fazem com que indivíduos se utilizem desses meios para conseguir seus objetivos. Dessa forma, pode-se auxiliar na prevenção e diminuição desses atos, visto que até então não há forma de acabar com o terrorismo.

A mídia deve ser melhor analisada pela população, pois esta muitas vezes usa as informações em detrimento de determinado ponto de vista, expressando uma visão

para influenciar as pessoas, fazendo-as acreditar que os fatos estão sendo mostrados da forma que ocorreram.

O estudo sobre o assunto não respondeu a todos os questionamentos, visto que não há solução para todos os pontos apresentados, como, por exemplo, como se combater e acabar com o terror. Mas foi muito importante pela análise e reflexão acerca do tema e a percepção de que merece mais pesquisa.

Os motivos que levam indivíduos a agirem de forma agressiva são os mais diversos, como já foi dito, mas é importante observar e salientar que não surgem de repente. São fatos que vão ocorrendo com o passar dos tempos, que são cultivados e em determinado momento acabam gerando algum efeito, que pode ser por meio do terror. Visto que a violência pode surgir por diversos motivos e em diversos ambientes.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Evilásio J. *Terrorismo Internacional: fundamentalismo religioso e globalização*. Brasília: Livraria Herança Judaica Editora Ltda, 2004.

ARBEX JR, José. *Guerra Fria: terror de Estado, política e cultura*. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus. O Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Judaísmo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BECK, Ulrich. *O que é Globalização. Equívocos do globalismo: respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BRANT, Leonardo Nemer Caldeira. (org.). *Terrorismo e Direito: os impactos do terrorismo na comunidade internacional e no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

CARR, Caleb. *A Assustadora História do Terrorismo – uma história da guerra contra civis: por que nunca deu certo e nunca dará*. São Paulo: Ediouro, 2002.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a Opinião: o novo jogo político*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

CLUTTERBUCK, Richard. *Guerrilheiros e Terroristas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DREHER, Martin Norberto. *Para Entender o Fundamentalismo*. Coleção Aldus 1. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

FARHAT, Said. *O Fator Opinião Pública: como se lida com ele*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1992.

HUNTINGTON, Samuel P. *A Ordem Política nas Sociedades em Mudanças*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

MAGNOLI, Demétrio. *O Mundo Contemporâneo: relações internacionais, 1945-2000*. São Paulo: Moderna, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BERTOLLI FILHO, Cláudio. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1996.

MELO NETO, Francisco Paulo de. *Marketing do Terror*. São Paulo: Contexto, 2002.

MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

RAMONET, Ignácio. *O poder midiático*. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SOARES, Denise de Souza. *De Marx a Deus: os tortuosos caminhos do terrorismo internacional*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

STERLIN, Claire. *A Rede do Terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. São Paulo: Editora Nórdica, 1981.

TALBOTT, Strobe e NAYAN, Chanda (orgs). *A Era do Terror: o mundo depois de 11 de Setembro*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

WAINBERG, Jacques A. *Mídia e Terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.

Internet:

<http://historia.abril.com.br/edicoes/30/capa/conteudo_115607.shtml>

<http://super.abril.com.br/super/edicoes/222/conteudo_112944.shtml>

<<http://www.cafedostoievski.pop.com.br/dostoievski/crimecastigo.html>>

<<http://www.contabiliza.com.br/monografiaajaimefilho.htm>>

<http://educaterra.terra.com.br/vizentini/artigos/artigo_38.htm>

<http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/atual_geop.aspx>

<<http://www.liberdadeoliverio.com.br/canada.htm>>

<<http://www.consciencia.net/2004/mes/07/farc-40anos.html>>

<<http://revolucoesempauta.ubbihp.com.br>>

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u94005.shtml>>

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u51914.shtml>>

<<http://jn.sapo.pt/2006/05/21/ultimas/zapatero criticado pela intern .html>>

<<http://oglobo.globo.com/infoglobo/quemlesabe/diversos/espanha.htm>>

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010211_oklahoma.shtml>

<<http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2006/abr/24/240.htm>>

ANEXOS



Símbolo do grupo ETA

O seu símbolo é uma serpente enrolada num machado. O seu lema é *Bietan jarrai*, que significa *seguir nas duas*, ou seja, na luta política e militar.

Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Euskadi Ta Askatasuna](http://pt.wikipedia.org/wiki/Euskadi_Ta_Askatasuna)> Acesso 11/06/2006.

Tabela 1 – Crescimento das FARC nas cidades colombianas

Ano	Cidades	Porcentagem de cidades
1964	4	0,04
1970	54	0,50
1979	100	9,00
1985	173	15,00
1991	437	42,00
1995	622	59,00
1999	1.000	95,00

2004	1.050	100,00
------	-------	--------

Fonte: Grace Livingstone, *Inside Colômbia* (London: Latin American Bureau, 2004)

Disponível em: <<http://www.liberdadeoliverio.com.br/canada.htm>>

Acesso em: 06/06/2006.

Tabela 2 – Crescimento das forças combatentes das FARC

1964	48
1965	750
1970	1.000
1978	2.000
1983	3.000
1986	4.000
1991	7.600
1992	18.000
1994	32.000
2002	40.000
2004	50.000

Fonte: Pesquisa realizada no local conduzida por James J. Brittain e R. James Sacouman (2002-2004). Disponível em:

<<http://www.liberdadeoliverio.com.br/canada.htm>> Acesso em: 06/06/2006.